

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

PABLO RANGEL CARDOSO DA COSTA SOUZA

**O PAPEL DO LEITOR E DA LEITORA DIANTE DO TEXTO BÍBLICO:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO INTERPRETATIVO**

São Leopoldo

2019

PABLO RANGEL CARDOSO DA COSTA SOUZA

**O PAPEL DO LEITOR E DA LEITORA DIANTE DO TEXTO BÍBLICO:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO INTERPRETATIVO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Dr. Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729p Souza, Pablo Rangel Cardoso da Costa
O papel do leitor e da leitora diante do texto bíblico: uma análise do processo interpretativo / Pablo Rangel Cardoso da Costa Souza; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
83 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Escrituras sagradas (Bíblia). 2. Hermenêutica. 3. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. I. Sinner, Rudolf Eduard von, 1967- . II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

PABLO RANGEL CARDOSO DA COSTA SOUZA

**O PAPEL DO LEITOR E DA LEITORA DIANTE DO TEXTO BÍBLICO:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO INTERPRETATIVO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação: 22 de janeiro de 2019.

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero – Doutor em Teologia – Faculdade
Teológica Sulamericana

*Eu dedico este trabalho a todos e todas
que amam a Palavra do Senhor!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda Graça que me concedeu em Jesus Cristo por meio do seu Santo Espírito. A Ele toda honra, glória e louvor. Agradeço à minha família, em especial, à minha esposa que não é apenas uma auxiliadora, é a imagem de Deus na minha vida!

Meu muito obrigado!

“Precisamos suplicar sinceramente a Deus em oração que abra nossos olhos cegos para o significado das Escrituras”.

William Perkins (1558 - 1602)

RESUMO

O presente Trabalho Final procura compreender o envolvimento triangular entre o autor, o texto e o(a) leitor(a) no caso dos textos da Bíblia cristã. Os autores bíblicos procuram transmitir uma mensagem que entendem ser de acordo com os preceitos de Deus. A compreensão desta intenção autoral depende não apenas do texto em si, mas também do(a) leitor(a) que procura descobrir esta intenção a partir do seu contexto contemporâneo, distante do contexto do autor. Para impedir que esta interpretação se torne unilateral e absoluta, ou aleatória e relativista, é preciso obter maior clareza sobre a dinâmica desse processo triangular entre autor, texto e leitor(a). O presente estudo recorre a literatura pertinente à questão hermenêutica bíblica, mormente de tradição reformada, numa pesquisa bibliográfica e descritiva. O primeiro capítulo está dedicado aos autores bíblicos e seus propósitos, entendendo que refletem a vontade do Autor divino. O segundo capítulo enfoca o texto bíblico como proposta com propósito, sendo veículo de comunicação entre autor e leitor(a), ambos com fé no Autor. O terceiro capítulo se concentra no leitor e na leitora como co-autor interpretativo e co-autora interpretativa que procura fazer uma interpretação atualizada e, ao mesmo tempo, condizente com o propósito original dos autores humanos, entendido como reflexo da mensagem do Autor. O estudo conclui que o leitor e a leitora têm uma responsabilidade hermenêutica em relação ao texto e seus autores, numa co-autoria interpretativa, procurando alinhar-se à mensagem do Autor. Para entrar neste processo triangular não há necessidade de ser um(a) leitor(a) formado(a) em teologia; no entanto, esta serve para esclarecer melhor a dinâmica do processo, suas chances e seus desafios.

Palavras-chave: Escritura. Hermenêutica. Interpretação bíblica.

ABSTRACT

This Final Paper seeks to understand the triangular involvement between author, text and reader in the case of the texts of the Christian Bible. The biblical authors seek to transmit a message they understand to be in accordance with the precepts of God. The comprehension of this authors' intention depends not only on the text itself, but also on the reader who seeks this intention based on their contemporaneous context, which is distant from the author's context. To impede this interpretation from becoming unilateral and absolute, or aleatory and relativist, it is necessary to obtain more clarity about the dynamic of this triangular process between author, text and reader. This study remits to literature that is pertinent to the biblical hermeneutic issue, mainly from the reformed tradition, in a bibliographic and descriptive research. The first chapter is dedicated to the biblical authors and their purposes, understanding that they reflect the will of the divine Author. The second chapter focuses on the biblical text as a proposal with a purpose, being a vehicle of communication between author and reader, both with faith in the Author. The third chapter concentrates on the reader as an interpretative co-author who seeks to make an updated interpretation, and, at the same time, coherent with the original purpose of the human authors, understood as a reflection of the message of the Author. The study concludes that the reader has a hermeneutic responsibility with regard to the text and its authors, in an interpretative co-authorship, seeking to align themselves to the message of the Author. To enter this triangular process, there is no need to be a reader trained in theology; however, theology serves to better clarify the dynamics of the process, its chances and its challenges.

Keywords: Scriptures. Hermeneutic. Biblical interpretation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 AUTOR: um escritor com um propósito.	
2.1 Por que interpretar o texto?	23
2.2 Para que compreender o texto?.....	33
2.3 Por que entender o propósito do texto?.....	39
3 TEXTO: uma proposta com propósito.	
3.1 Há regras para interpretar o texto.....	51
3.2 Há uma proposta com propósito no texto?.....	58
3.3 Há a possibilidade de compreender o texto?.....	63
4 LEITOR(a): um(a) coautor(a) interpretativo(a).	
4.1 Por que seguir o propósito do texto?.....	71
4.2 Como interpretar o texto?.....	75
4.3 Por que ser um coautor(a) na interpretação?.....	78
5 CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

Todo leitor e toda leitora é um intérprete nato e uma intérprete nata. Vivemos em um mundo que exige de nós uma habilidade para interpretar eventos textuais e não textuais. E, como estamos propondo uma análise bíblica, na qual pressupomos que tanto o autor quanto o(a) leitor(a) se orientem pela sua fé em Deus, devemos tratar disso com uma maior assertividade possível. Nossa investigação concentrar-se-á no texto bíblico para identificar o propósito que o autor quis comunicar, intencionalmente, à sua primeira audiência, procurando estar fiel aos preceitos de Deus, o Autor último, ao comunicá-los por meio do texto. Diante de toda a Escritura, perceberemos que todo texto tem um autor ou um conjunto de autores. Todo autor quer transmitir uma mensagem. E toda mensagem tem um propósito a ser compreendido.

Para tanto, a pesquisa se baseou numa busca em informações bibliográficas para compreendermos, a partir da tradição reformada, como podemos interpretar os textos bíblicos. Chegamos a uma tríade já identificada pelos especialistas em hermenêutica: autor, texto, leitor(a). Nesse sentido, optamos por ampliar a perspectiva do autor e do texto bíblicos; bem como, o do leitor e da leitora contemporâneos para entendermos as interpretações sobre os textos bíblicos. Utilizamos três autores como principais guias deste trabalho, a saber: Louis Berkhof, Grant R. Osborne e Jen Wilkin. Eles são escritores que se preocupam com a hermenêutica e suas relações essenciais sobre a Escritura.

O Dr. Louis Berkhof (1873-1957), nascido na Holanda, imigrou para os Estados Unidos e tornou-se um dos mais notáveis teólogos do século 20. Foi Presidente e Professor do Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan. Grant R. Osborne, Ph.D. em Novo Testamento pela renomada Universidade de Aberdeen (Escócia), também fez pesquisas nas importantes Universidades de Cambridge (Inglaterra) e de Marburg (Alemanha). Desde 1977 é professor de Novo Testamento no Trinity Evangelical Divinity School (USA). É editor da série de comentários do Novo Testamento publicada pela IVP e membro da Society of Biblical Literature. Jen Wilkin é palestrante, escritora e professora de estudos bíblicos para mulheres. Ela tem organizado e liderado estudos para mulheres nos

lares, na igreja e em contextos paraeclesiásticos. Jen e sua família são membros da *Village Church*, na região de Dallas.

Com o auxílio destes e de outros escritores, queremos demonstrar que o texto é o produto final de uma mensagem que o autor teve a intenção de registrar. O texto pertence a ele e nossa missão como leitor e leitora é entender o propósito do texto e, então, repassar com fidelidade a mensagem que está anunciada. Mas não podemos parar apenas nisto, porque sabemos que existem pressupostos que nos guiam nas nossas leituras interpretativas. Elas são lentes que nos permitem enxergar o propósito do texto. Infelizmente, não temos o autor presente, temos apenas seu texto na forma que foi transmitido e preservado. As marcas do autor, embora nem sempre facilmente evidentes, estão impressas nas linhas desse texto. Por se tratar da Bíblia, seu caráter divino-humano são os traços de cada página que moldam toda uma estrutura que o leitor e a leitora procuram entender para absorver o propósito da mensagem.

Todo texto tem uma proposta autoral. No âmbito da fé cristã, entende-se que Deus utiliza os autores para reproduzir a Sua intenção, que por sua vez é compreendida e reproduzida pela comunidade hermenêutica da igreja e transmitida às futuras gerações. Isso acontece porque houve um entendimento, a princípio, do que significava aos primeiros leitores e ouvintes.

O papel do leitor e da leitora, então, é entender o propósito do texto bíblico com a própria naturalidade/sentido que ele exige, respeitando o gênero e formato literários de cada texto. Sabemos que há desafios na hora de interpretar, mas eles são superáveis. A partir da Reforma protestante, podemos ler a Bíblia em nosso vernáculo, traduzida a partir dos originais hebraico e grego. Lutero, um dos reformadores, incentivou as pessoas cristãs à leitura da Bíblia em sua própria língua materna. Ao mesmo tempo, empenhou-se pela educação escolar pública e universal, afim de que toda população pudesse ler a Bíblia. Como pessoas cristãs, temos o direito de ler a Bíblia, mas, ao mesmo tempo, temos o dever de buscar interpretá-la corretamente, ou seja, liberdade de leitura e interpretação não é aleatoriedade ou irresponsabilidade hermenêutica. Além disso, ao leitor cabe transmitir com fidelidade a mensagem da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3). Mas como o leitor e a leitora poderiam assegurar-se de interpretar

corretamente o texto bíblico? Nosso objeto de apreciação é o próprio texto bíblico que tem um propósito autoral para as suas aplicações ligadas ao texto.

O leitor e a leitora têm o texto bíblico canonizado pela comunidade hermenêutica da igreja e ajudas de interpretação como a própria tradição confessional para interpretar fielmente. A leitura deve ser comprometida com três aspectos que estruturam a pirâmide da interpretação: responsabilidade, apropriação e aplicação¹. Em primeiro lugar, a *responsabilidade* é um dever de todo leitor e leitora para que haja fidelidade hermenêutica à mensagem dirigida aos primeiros leitores para, então, apreender os propósitos autorais. Em segundo, a *apropriação*, a atualização do sentido para o leitor e a leitora contemporâneas, é o meio que deve ser utilizado com muito cuidado. É na apropriação que o leitor e a leitora faz a interpretação do texto. Ele e ela apreendem a ideia comunicada e a transpõem aos outros, respeitando o propósito da mensagem do texto. É nesse momento da apropriação que o entendimento do texto acontece. E, por último, a *aplicação*. Seja o leitor e a leitora rico(a) ou pobre, ele e ela deverão entender que a mensagem do Salmo 23 é *o Senhor é meu pastor e nada me faltará*. Ou numa tradução livre: “O Senhor é o meu pastor e dele não tenho falta”. Entretanto, tanto um como o outro tem uma *liberdade fixada* para aplicar à sua situação essa mensagem. Nos dois casos, pode sobrar ou faltar dinheiro, só não pode faltar o Senhor.

¹ ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 43

2 AUTOR: um escritor com um propósito.

Neste capítulo, iremos apresentar que existe uma importância hermenêutica para entender o texto, pois o texto bíblico foi escrito por um autor sob a regência de um propósito. Outra questão que abordaremos será a identificação de desafios na hora de interpretar, entretanto essas dificuldades podem ser superadas com os materiais certos e apropriados nesta tarefa. Por último, temos a intenção e deixar claro que todo texto possui uma proposta autoral, isto é, todo autor escreve com um propósito em mente, logo, o papel do leitor e da leitora é descobrir qual é esse propósito no texto e assim interpretá-lo.

2.1 Por Que Interpretar o Texto?

Essa é uma pergunta de suma importância. A resposta, entre tantas, deve ser: para não incorremos numa *eisegese*. Ou seja, nós não podemos “atribuir à passagem bíblica o sentido que se deseja em vez de extrair dela, mediante estudo cuidadoso, o sentido adequado”.² É muito comum lermos as passagens bíblicas procurando alguma *palavra de Deus* para nos auxiliar nalguma questão de ordem emocional, moral, espiritual. Não há nada de errado nisso. Entretanto, boa parte dos leitores e das leitoras, buscam respostas para anseios imediatos. Isso, provavelmente, pode causar certo mal teológico à pessoa que busca esses *imediatismos*, pois uma resposta bíblica exige uma responsabilidade-criteriosa de quem a busca. Existe um *preço* que devemos *pagar* para obter as respostas para nossos anseios imediatos.

Esse “preço”, então, deve ser de acordo com os elementos já disponíveis, por exemplo, comentários bíblicos, dicionários e livros de introduções ao Antigo e Novo Testamento. Não podemos adulterar a mensagem que o autor escreveu aos seus ouvintes para o nosso entendimento, ou seja, temos de respeitar o propósito da mensagem. Precisamos apenas buscá-la. É isso que Köstenberger afirma: “Na busca da verdade divina revelada, estamos dispostos a pagar qualquer preço para ouvir o que Deus tem a nos dizer em sua Palavra e por meio dela proclamar a outros

² KÖSTENBERGER, Andreas J; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica: história, literatura e teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 60-62.

a sua mensagem vivificante, de um modo autêntico e fiel”³, considerando a forma, o sentido e a estrutura que o autor apresentou em seu texto em três formas.

Primeiro, há um autor que dá forma ao texto que por sua vez está vivendo em um tempo e instalado em um espaço que contribuem para a formação do texto bíblico. As influências religiosas, econômicas, sociais e políticas estão presentes no texto que autor escreve. Segundo, esse texto possui um sentido pretendido por ele dirigido a um grupo ou a uma pessoa. O autor reúne os pensamentos – seus e/ou de outros – para que em um documento possa dirigi-los a uma comunidade. E, por último, esse texto possui uma estrutura de significado que pertence ao seu próprio tempo e espaço que revela o caráter e a vontade de Deus. Jen Wilkin diz que

se for verdade que o caráter e a vontade de Deus estão proclamados nas Escrituras, então toda tentativa séria de se tornar equipada para a obra do discipulado deve incluir um desejo de desenvolver o conhecimento bíblico, costurando seus retalhos e transformando-os em uma veste de entendimento sem emendas.⁴

As palavras e os espaços passam por transformações de contextos, por isso o leitor e a leitora devem procurar entender a lógica do texto em seu tempo e espaço do autor e seu(s) destinatário(s). Perguntas do tipo: o que significava a palavra “cruz”, por exemplo, no primeiro século dita pelos autores e como era recebida pelos destinatários? Isso muda a nossa relação com o que ela significa para nós hoje? Se sim, o leitor deve se apropriar daquele significado, pois era a mensagem original ao público primitivo. No entanto, ao mesmo tempo, entendemos que há alguns conceitos que foram desenvolvidos ao longo da história que hoje percebemos com muito mais facilidade que os primeiros destinatários. Visto isso, resta o equilíbrio teológico diante das elasticidades hermenêuticas.

Um grande teólogo que soube sistematizar os passos hermenêuticos foi o professor Roy B. Zuck (1923 - 2013). Ele atuou no Seminário Teológico de Dallas, nos Estados Unidos onde atuou em diversos cargos desde 1973. Zuck diz que “certas pessoas ‘adulteram a Palavra de Deus’ intencionalmente (2 Co 4.2). Outras há que até mesmo ‘deturpam’ as Escrituras ‘para a própria destruição deles’ (2 Pe

³ KÖSTENBERGER, 2015, p. 59.

⁴ WILKIN, Jen. Mulheres da palavra: como estudar a Bíblia com nossa mente e coração. São Paulo: FIEL, 2015. p. 43.

3.16). Outros, por sua vez, interpretam a Bíblia erroneamente sem saber.”⁵ Alguns leitores e algumas leitoras já começam a ler o texto pensando que *aquele texto* foi escrito especialmente para eles, ou seja, os leitores e as leitoras não se importam, a princípio, com os elementos básicos da interpretação: autor, data, público, assunto principal, assuntos periféricos, o gênero do texto, o propósito geral da carta o livro. A tarefa do leitor e da leitora não está apenas na leitura do texto seco da Bíblia. Eles precisam buscar informações que na tradição cristã foram ratificadas. Em uma busca desenfreada por entendimentos sobre o que a Bíblia fala sobre determinado assunto, o leitor e a leitora podem passar por cima de informações valiosíssimas que os fariam compreender/interpretarem corretamente o texto. Por isso, entender o tempo e o espaço vivencial dos personagens da Bíblia é tão importante para o leitor e a leitora.

O leitor e a leitora, ainda que seja uma pessoa piedosa, pode fazer uma má interpretação do texto se ele for pela mão contrária que o autor intencionou. Portanto, entender o propósito da mensagem do autor é essencial para os intérpretes do texto. Para o leitor e a leitora interpretarem corretamente o texto é preciso que ele passe por três níveis, conforme define Zuck: a observação, a interpretação e a aplicação⁶. “A observação consiste na pergunta: ‘Que diz o texto?’; a interpretação indaga: ‘Que quer dizer?’; a aplicação questiona: ‘Como se aplica a mim?’”⁷ Esses são os degraus que o leitor e a leitora devem pisar um a um.

Para uma boa interpretação não se admite ‘pulinhos’ ou saltos. Deve-se, portanto, começar pela observação e assim seguir sucessivamente. Muitos leitores e leitoras já começam a interpretar o texto já na parte da aplicação, ou seja, esse texto pode ser aplicado em determinada situação independente de seu contexto original. Não há uma preocupação sensível se *aquele texto* tem ou não eficácia sobre ele ou só naquele tempo e espaço de construção do texto bíblico.

Não obstante vemos que o leitor e a leitora também é o autor(a) de seu tempo e espaço. Entretanto, quando tratamos sobre o texto bíblico, queremos afirmar que o leitor e a leitora são *coautores* da interpretação do autor do texto. Esse *autor-leitor*⁸

⁵ ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 10.

⁶ ZUCK, 1994, p. 10.

⁷ ZUCK, 1994, p. 11.

⁸ Leia-se *coautor da interpretação*, pois o leitor e a leitora devem estar unidos à mesma afirmação que o autor do texto assim tencionou. É claro, com os devidos ajustes na *aplicação* contemporânea.

da interpretação tem a obrigação de dizer, de modo atual, a mensagem que o autor – ou os autores do texto, isto é, o(s) dono(s) do texto, teve a intenção de dizer, formando uma rede dinâmica de compreensão do assunto disposto no texto bíblico. Com isso, queremos dizer que esse *autor-leitor* não pode adulterar o que o dono do texto escreveu, porque simplesmente este está ligado a um tempo e espaço que o determina a sua compreensão de mundo teológico e teleológico. O leitor e a leitora precisam ser honestos na abordagem do texto. Com isso queremos dizer que temos dois autores. Um autor-escritor e outro autor-intérprete. Este se disponibiliza para entender o que aquele escreveu para que haja um entendimento real, significativo. Esse autor-leitor que interpreta está obrigado a entender – o propósito contido no texto - o que o autor, primário, escreveu. Ou seja, o primeiro determina a compreensão do último, e este atualiza a mensagem do primeiro a si e aos outros.

Por vezes, nós interpelamos alguém dizendo: - *Você está interpretando errado!* E por que dizemos isso? Uma das razões que nos levam a considerar isto é que parece que a pessoa não está comprometida com a verdade. Apesar de estarmos num mundo pós-moderno que afirma que a verdade é relativa ou plural, entende-se que nós temos uma base comum de nossa interpretação teológica, isto é, uma interpretação fomentada pelos apóstolos que, como leitores, interpretaram os eventos messiânicos a partir da Escritura que estavam à sua disposição. Com isso, formou-se o Novo Testamento. Eles nos legaram o conteúdo do evangelho às próximas gerações.

Os leitores e leitoras que entendem que a interpretação está de acordo com o *ponto de vista de quem leem* podem incorrer num erro sutil ou até mesmo catastrófico. O erro sutil é pensar que se pode entender o texto bíblico sem uma análise responsiva. O erro catastrófico é imaginar que sem uma apropriação correta da mensagem do autor pode-se aplicar *corretamente* à vida pessoal ou aos dos outros. Se interpretarmos mal, aplicaremos mal. Os leitores e as leitoras que estão comprometidos com o propósito do autor, no texto, podem estar alinhados com o sentido/propósito das palavras de Deus. Como diz Osiel Gomes da Silva:

Quem deseja entender um texto precisa olhar para ele fazendo observações, interpretações, resumos, avaliações, correlacionamentos e aplicação. Posso dizer que a observação e a interpretação são dois passos fundamentais para uma boa interpretação textual, pois os demais dependem deles.⁹

⁹ SILVA, Osiel Gomes da. *Aplicando bem a Palavra: Focando a interpretação Bíblica*. Maranhão: DOKSA, 2016. p. 114.

Como diz Joseph A. Fitzmyer: “A hermenêutica é para a exegese o que a lógica é para o raciocínio e a gramática, para a fala”.¹⁰ A interpretação dos textos escritos reflete decisões e desenvolvimentos na história no tempo e no espaço do autor e do(s) destinatário(s). Outra informação importante é a construção de sua ordem gramatical que define também a estrutura do que é essencial para o que é menos essencial. Ainda que o texto esteja tão distante de nós, a interpretação ortodoxa é possível, lembrando de que nós nos apoiamos em pressupostos e pressuposições protestantes reformados como Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio, João Calvino, John Knox, por exemplo.

Além disso, nos atermos ao princípio da *sola scriptura* e incentivamos que todo leitor e leitora apoiem-se nessa base. *Sola scriptura* quer dizer que “a Bíblia é a única autoridade suprema para os cristãos, suficiente para conduzir a vida e a igreja e inerrante em seu conteúdo teológico”¹¹. Adotando esse princípio, o leitor e a leitora têm de estar ciente que a busca da verdadeira interpretação não está confinada somente na Bíblia, está também na tradição que nos legou a Palavra de Deus. A Bíblia *nasce* da tradição, por isso, essa reinterpretação – atualização – é possível e recomendada a partir de estudos que circundam a história da tradição bíblica. Todavia, essa busca pela *reinterpretação*, como já dissemos, não autoriza o leitor ou a leitora a *dar novos sentidos* ao princípio que o autor emitiu ao público de origem. Senão passamos a desconsiderar toda a proposta autoral proposta. Até mesmo esse trabalho poderia ser desconsiderado caso o leitor ou a leitora não levasse em consideração o respeito pelo autor deste texto. Entretanto, se o leitor ou a leitora desconhecem o autor do texto bíblico – ou de qualquer texto, então o respeito essencial deveria recair sobre o propósito do texto, ou seja, sobre o conteúdo do texto. Isto é, há um propósito intencionalmente colocado pelo autor de todo texto. Logo, o leitor e a leitora não são donos do texto intrinsecamente. Eles são os recebedores, transmissores da mensagem, do propósito autoral do texto, agindo como autores *coautores* desta revelação, transmissão, mensagem.

O texto bíblico pode ter tido o efeito imediato pretendido pelos autores bíblicos para os seus primeiros destinatários e também um efeito secundário, não imediato,

¹⁰ FITZMYER, Joseph A., SJ. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997. p 71.

¹¹ BOICE, James Montgomery. *O Evangelho da Graça*. A aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 63

aos ouvintes de seu tempo e espaço, entretanto isso não anula a mensagem que os autores queriam repassar, ou seja, seria a mesma mensagem nuclear uma vez dita. “A Bíblia tem sua própria topografia, seu próprio conjunto de ‘características geográficas’, que se encaixam para formar uma paisagem contínua e deslumbrante”.¹² Em certo sentido, os primeiros ouvintes/leitores sabiam que *aquela* mensagem destinava-se a algum público direta ou indiretamente e que ela não deveria ser adulterada, pois ela possui um núcleo imutável (o princípio magno) que os primeiros leitores e leitoras tinham em mente. Houve, em certo sentido, uma atualização da mensagem aos futuros ouvintes/leitores que interpretariam de acordo com a primeira intenção (geral) do autor. Klein diz:

Às vezes, os escritores do NT apelam para o que o autor humano do AT disse, mesmo que o sentido que o autor do NT extrai não seja claro para nós, depois de sujeitarmos o texto do AT aos métodos tradicionais históricos. E acreditamos que LaSor suaviza o seu pensamento acerca de um sentido mais profundo instigado pelo Espírito Santo no momento em que ele também atribui um sentido mais completo para os grandes poetas, filósofos e outros pensadores criativos que expressam um sentido que os seus discípulos desenvolveram de forma mais completa em escolas de pensamento. Isso também não apoia um sentido mais profundo nos textos expostos pelo Espírito Santo. Se LaSor estiver correto, o sentido mais completo simplesmente desenvolve aplicações mais profundas ou consequências do que o autor originalmente quis dizer. Isso é o que chamamos de *importância*.¹³

Nesse mesmo caminho, fazemos eco às suas palavras: “Rejeitamos, no entanto, que nesses usos os autores do NT estivessem totalmente despreocupados com o sentido original dos textos do AT”. Pode até se aparar as arestas, contanto que não se perca a forma do objeto. Essa busca da mensagem original dirigida aos ouvintes/leitores contemporâneos possuem uma mensagem em códigos que estão dentro de seu tempo e espaço. Leia-se: o sentido proposto pelo autor do texto que tece imagens e significados ligados ao seu círculo de entendimento teológico. Quanto mais natural a leitura ocorrer, melhor será para o leitor ou a leitora compreender a mensagem bíblica, entendendo e respeitando a nuances dos gêneros textuais. Essa abordagem é preferível para não incorrer em sentidos que o texto não tem o propósito. Provavelmente, há uma confusão em diferenciar o que é o sentido do texto para o propósito da mensagem do texto. Todo texto tem um

¹² WILKIN, 2015, p. 61.

¹³ KLEIN, William W; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 317, 318.

sentido natural, poético – por exemplo. E todo texto pode ter um propósito, uma importância, uma aplicação diferente do outro dependendo de seu contexto.

Queremos fugir do sentido antinatural do texto bíblico. Se o texto, por exemplo, fala que Deus se irou, por que o leitor ou a leitora não deixaria que fosse assim? Nada vale se esses códigos linguísticos não forem decodificados em seu contexto vivencial e linguístico. Eles precisam ser decodificados e retirados para o nosso mundo em consonância com a mensagem que originalmente foi composta, lançando sobre nós, seus leitores e leitoras, luz para os princípios e os sentidos reais que o texto oferece em nossa contemporaneidade. Mas para isso acontecer, os leitores e as leitoras têm de entender que nós estamos carregados de pressupostos que são a base de toda nossa leitura e interpretação de mundo. Como diz Franklin Ferreira: “nossa interpretação do mundo é guiada por pressupostos, que são proposições básicas tomadas como verdade, e que são consideradas tão óbvias que aqueles que as aceitam não duvidam delas”¹⁴.

O Houaiss define *pressupor* como “¹supor antecipadamente; conjecturar, supor, imaginar; ²fazer supor a existência de; dar a entender; presumir; sinonímia de *achar*”¹⁵. Entendemos que é com certo senso de responsabilidade – num primeiro momento todo intérprete vai ao seu objeto de leitura nesse sentimento. Entretanto, todos interpretam os textos carregados com pressupostos¹⁶. Mas afinal, o que é pressupostos? Segundo Franklin Ferreira, “são aquelas crenças básicas que todos nós temos, algumas vezes sequer examinadas, mas que nos levam a interpretar aquilo que está posto diante de nós”¹⁷ Um exemplo para isso seria a crença que suicídio não tem perdão diante de Deus. Quando ouvimos que alguém cometeu alguma automorte, logo a destinamos ao inferno. Isto é, já respondemos, ainda que sem análise, uma questão tão difícil pelo simples fato de ser repassada por nossos pais, ou seja, não existem leitores e leitoras neutros em suas interpretações. Podemos até falar em interpretação objetiva, mas é impossível. Uma subjetiva (É claro que respeitando todos os parâmetros da interpretação) é mais condizente com o que procuramos, simplesmente porque não somos *conchas vazias*. Paulo Anglada

¹⁴ FERREIRA, Franklin. *O credo dos apóstolos: As doutrinas centrais da fé cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015. p. 61.

¹⁵ Dicionário Houaiss da língua portuguesa – *HOUAISS* – Editora Objetiva – 2009. p. 1547.

¹⁶ FERREIRA, 2015, p. 61

¹⁷ FERREIRA, 2015. p. 61.

traz uma diferenciação sobre as palavras pressupostos e preconceitos ou prevenções. Ele diz que

Os preconceitos, decorrentes das próprias idiossincrasias ou preferências pessoais do intérprete são uma coisa – e representam um perigo real na interpretação das Escrituras, porque são mais ou menos inconscientes e difíceis de ser reconhecidos. As pressuposições, entretanto, são pontos de partida filosóficos, ideológicos ou religiosos reconhecidos e inevitáveis.¹⁸

Sempre “chegamos ao texto bíblico com uma série de pressuposições, de pré-compreensões, de algumas *verdades* que às vezes nem temos consciência, mas que estão presentes em nossa interpretação do texto bíblico”¹⁹. Desde a infância, o leitor e a leitora interpretam e são interpretados. Isso é um ciclo que participamos, recebendo informações e atualizando a partir delas respostas interpretativas. Por que não imaginar que temos em nós um chip de informações que por meio dele nos submetemos a dialogar interpretativamente com o mundo? Não é que procuramos obter interpretações a partir de nossas vontades, mas elas estão, ainda que silenciosamente, carregando um sem números de pressupostos ou pré-compreensões que nos foram ensinados para enxergar os textos bíblicos de determinadas formas que nos fazem agir de acordo com essas razões. Até mesmo nós, numa idade de consciência madura, procuramos ler/interpretar a verdade com lentes já ajustadas ao grau de miopia que precisamos para enxergar o texto.

De acordo com o grau que precisamos é a correção que temos que ter para ver o texto na sua forma mais clara possível. Desta forma, os leitores e as leitoras enxergarão a realidade que condiz neste horizonte textual de acordo com a realidade no tempo e no espaço dos primeiros receptadores da mensagem. Porém, hoje isso pode ser um problema porque existe uma série de *verdades* ou horizontes a serem decodificados que nos são apresentados para interpretar. Como resolver isso? Franklin Ferreira diz que “o Credo dos Apóstolos é uma apresentação do ensino bíblico, ortodoxo e consensual, ‘aquilo que foi crido em todo lugar, em todo tempo e por todos’”.²⁰ Ou seja, indo às fontes nós teremos sucesso em pesquisar para saber o que se deve crer – de modo geral. A fonte onde estamos bebendo diz muito sobre nossa ótica interpretativa que estamos enxergando o texto. Basta saber

¹⁸ ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada: Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Linguísticos*. Ananindeua/PA: Knox, 2006. p. 109.

¹⁹ FERREIRA, 2015. p. 61,62.

²⁰ FERREIRA, 2015, p. 19.

se estamos nos nivelando com os pressupostos do autor ou estamos deixando que os nossos guiem a nossa interpretação no texto.

Hoje, a verdade é posta sobre o prisma do relativismo. Parece que todos tem a verdade. Sim, mas de que modo? Se a obtenção dessa verdade é numa fonte duvidosa, logo nos deve gerar certo cuidado quanto à entrega de nossas mentes àquela tal *verdade*. O leitor e a leitora deve eleger o que é o certo do errado. Fazemos isso o todo tempo. Não nos referimos a escolhas primárias, como o bem da vida e sua plenitude. Fazer isto já é uma escolha real e verdadeira.

Num primeiro momento, entramos, sem querer, no campo da moral. E é assim que definimos as várias relações da vida. Se tudo for verdade, então não há lugar para a mentira. Como então definiremos ou legitimaremos temas como inimizade, amor, ódio, traição, sucesso? Se não existir absolutos, ou seja, parâmetros para escolhas, isto é, referências, tudo vale, até matar crianças em nome da religião. Se nós nos espantamos com eventos religiosos, em que pessoas, supostamente, são sacrificadas, então existe, pelo menos, um mínimo de escolhas morais que nos norteiam ao que é bom e verdadeiro.

Paulo Anglada, em seu livro – *Introdução à hermenêutica reformada*, diz que “é virtualmente impossível interpretar qualquer livro, principalmente a Bíblia, sem partir de pressuposições de caráter religioso, filosófico ou mesmo ideológico.”²¹ Anglada, acentua algo que é totalmente fatídico. Qual intérprete da Bíblia ou de qualquer outro tipo de literatura não se aproxima do texto sem algum tipo de pressuposições? Acompanhando o Franklin Ferreira e Paulo Anglada, dizemos que não é possível.

Todo leitor e leitora carrega uma porção de história e conteúdo vivencial que lhe dá o direito de interpretar o texto. Entretanto, deve-se ter sempre em mente: todo texto possui um autor que dirigiu a um público num determinado momento da história preenchendo no tempo e no espaço uma mensagem com significados propositais e significativas aos seus leitores e leitoras. Cada autor da Bíblia Sagrada partiu de pressupostos que lhes são pertencentes de seu tempo. Nisso construímos nossas bases de interpretações e conceitos. Anglada, para completar seu raciocínio, cita Bultmann para ratificar o conteúdo de sua defesa. Ele diz:

²¹ ANGLADA, 2006. p. 107

Nem é preciso subscrever a nova hermenêutica existencialista para admitir que Bultmann está certo ao enfatizar que a exegese sem pressuposição é impossível, visto que o assunto entendimento depende sempre de uma pré-compreensão do assunto.²²

Então, para todo leitor e leitora comprometido com o propósito e com o significado do texto, Paulo Anglada nos fornece cinco pressupostos que devemos utilizar como *lentes* para enxergar o texto bíblico da maneira correta.

Primeiro. Existem questões teontológicas no texto, ou seja, assuntos que tratam da Existência, Ser e Atributos de Deus²³. Todo leitor e leitora da Bíblia precisam aproximar-se do texto com uma espiritualidade racional de que crê na existência de Deus, na comunicação de seus atributos e na Sua soberania criacional e mantenedora. As Escrituras, apesar de ter sido escrita por diversos autores humanos, é um livro inspirado pelo Seu Espírito Santo. Ainda que o leitor e a leitora sejam incrédulos, eles poderão entender o propósito.

Segundo. Existem os pressupostos antropológicos que devem acompanhar o leitor e a leitora na hora da interpretação. Paulo Anglada nos lembra que “entre as muitas consequências da Queda, as seguintes influem diretamente na nossa interpretação das Escrituras: o distanciamento de Adão e sua descendência do Criador e a corrupção da *imago Dei*.”²⁴ Essa corrupção, também, afetou a sua capacidade de *por si só* interpretar corretamente. Ele precisa da ação do Espírito Santo para interpretar corretamente. Para entender o sentido do texto basta ter um bom treinamento em gramática, ter o hábito de ler e saber julgar, isto é, ter um espírito crítico sobre o texto para compreender o seu propósito.

Terceiro. Existem pressupostos cristológicos. Eles são especialmente importantes para interpretar passagens em que o Cristo está em cena ou dele é falado. Segundo Anglada, “o conteúdo todo das Escrituras é cristocêntrico.”²⁵ Cristo é a nossa lente pela qual todo leitor e leitora deve enxergar todas os assuntos que a Escritura diz:

Uma vez que o novo sistema nos dá tal esperança, podemos falar com grande coragem. Não somos como Moisés, que cobria o rosto com um véu para que os israelitas não vissem a glória, embora ela já estivesse se desvanecendo. Mas a mente do povo estava endurecida e, até hoje, toda vez

²² ANGLADA, 2006, p. 108.

²³ ANGLADA, 2006, p. 111.

²⁴ ANGLADA, 2006, p. 119.

²⁵ ANGLADA, 2006, p. 123.

que a antiga aliança é lida, o mesmo véu lhes cobre a mente, e esse véu só pode ser removido em Cristo. Até hoje, quando eles leem os escritos de Moisés, seu coração está coberto por esse véu. Contudo, sempre que alguém se volta para o Senhor, o véu é removido. Pois o Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. Portanto, todos nós, dos quais o véu foi removido, podemos ver e refletir a glória do Senhor, e o Senhor, que é o Espírito, nos transforma gradativamente à sua imagem gloriosa, deixando-nos cada vez mais parecidos com ele. (2 Coríntios 3.12-18. NVT)

Quarto. Existem pressupostos pneumatológicos. “Os reformadores atribuem grande importância ao papel do Espírito Santo na interpretação das Escrituras.”²⁶ Paulo Anglada citando Lutero diz: “O Espírito é necessário para a compreensão de toda a Escritura e cada uma de suas partes”²⁷. A Escritura diz: “mas o homem natural não aceita as verdades do Espírito de Deus. Elas lhes parecem loucura, e ele não consegue entendê-las, pois apenas quem é espiritual consegue avaliar corretamente o que diz o Espírito” (1. Coríntios 2.14. NVT).

Quinto. Existem pressupostos bibliológicos. O leitor e a leitora precisam compreender que as Escrituras são um conjunto de livros divinamente inspirados, supremos, suficientes. Sem estas ações o leitor e a leitora podem se equivocar em algumas interpretações. Este pressuposto defende a doutrina da inspiração das Escrituras; a sua autoridade suprema; a sua suficiência; a clareza substancial; a preservação do material e conteúdo.

2.2 Para Que Compreender o Texto?

Wilkin diz que “a etapa da compreensão é provavelmente a mais negligenciada e mal compreendida pelas estudantes da Bíblia, principalmente porque assumimos que ler um texto e absorver o sentido de sua mensagem equivale a compreendê-lo”.²⁸ Logo, a tarefa principal da hermenêutica, segundo Berkhof, “é mostrar o caminho pelo qual as diferenças ou a distância entre o autor e seus leitores podem ser removidas.”²⁹ Nessa tarefa, existem dificuldades e/ou aparentes contradições na hora de interpretar. As dificuldades podem se dar no campo da falta de material específico sobre determinado assunto que o leitor e a leitora não tenham

²⁶ ANGLADA, 2006, p. 129.

²⁷ ANGLADA, 2006, p. 129.

²⁸ WILKIN, 2015, p. 105.

²⁹ BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: Um estudo cuidadoso de um meio que o Espírito da Verdade emprega para conduzir seu povo em toda a verdade*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 9, 10.

compreensão, como a geografia, a história, a política, a economia, e a teologia de determinado livro bíblico em estudo. Essa falta pode comprometer a interpretação do que acontecia naquele determinado momento vivencial de seus primeiros destinatários.

As aparentes contradições, no texto, são aquelas que quando surgem, *aparentemente*, deixam em dúvida o leitor e a leitora com algum significado/palavra ou informação “contradizente”. Essas dificuldades, normalmente, estão ligadas a variantes textuais, um nome ou outro de lugar que foi identificado e que gera dúvida, isto é, essas relações estão ligadas mais a questões secundárias. No entanto, quando elas são dirimidas, por um ou outro instrumento de alcance esclarecedor, as aparentes dificuldades são desfeitas.

Essas dificuldades, entretanto, se tornam amenizadas quando, segundo Berkhof, “o leitor se transporta para o tempo e o espírito do autor”³⁰. Todavia, para que o leitor e a leitora façam isso é preciso que ele e ela utilizem alguma bússola. Essa bússola hermenêutica pode se dar por meio de consulta aos livros e aos mestres. A orientação por livros acontece quando alguém se propõe a buscar a compreensão com a ajuda de livros que falem sobre o assunto. É o famoso autodidata. A orientação pelos livros se dá quando o mestre orienta – isso pode acontecer de forma presencial ou a distância. Por exemplo: Felipe e o eunuco (Atos 8.26-40). Uma pessoa sem habilidades no ofício de interpretar determinado texto pode incorrer em erros. Felipe, nesse contexto, figura como aquele que *mostra o caminho* ao eunuco. Ele conduz à compreensão verdadeira do texto, ou seja, ao propósito que o autor tencionou por meio do texto. Isso nos revela que além do compasso entre leitor(a) e texto existe aquele que aponta a verdadeira compreensão, isto é, o propósito da comunicação. Numa abrangência maior, podemos sugerir que a igreja é uma comunidade hermenêutica que *mostra o caminho* para a verdadeira interpretação do texto sagrado segundo o propósito do autor.

As dificuldades aparentes, como o próprio nome já diz: *são aparentes*, ou seja, parece, mas não é. Welfany Nolasco³¹ faz uma advertência interessante ao leitor e à leitora. Ele diz: “Você não lê um livro de poesias como se fosse um jornal,

³⁰ BERKHOF, 2013, p. 10.

³¹ RODRIGUES, Welfany Nolasco. *Interpretação Bíblia: Como ler, estudar e compreender a Bíblia?* Varginha/MG: 2014, p. 35.

nem lê uma história como se fosse uma música”³². É isso que queremos chamar a atenção. Não é saudável, interpretativamente, ler um texto apocalíptico sem respeitar os gêneros literários que tal texto exige.

O que seriam essas dificuldades (reais ou aparentes) que estão diante do leitor ao se deparar com o texto bíblico? A princípio enumeramos seis dificuldades que Roy Zuck enumera. Ele usa o termo *abismo*³³. Não usaremos este termo porque não entendemos que *ir lá e transpor para aqui* seja uma dificuldade intransponível. Percebemos que há dificuldades e que elas podem ser superadas à medida do conhecimento que se adquire com o estudo dirigido. A primeira é o *tempo vivencial*. É nítido a compreensão de que estamos há anos de distância do tempo em que os textos bíblicos foram *entrelaçados fio a fio*, ou seja, palavra a palavra. É possível de se imaginar que toda a construção foi dirigida às pessoas de sua época e região em *determinado* tempo e que isso, naturalmente, pode ter passado por uma tradição oral até obter a sua formação final na qual a encontramos.

A segunda é o *espaço situacional*. Aqui, fazemos referência à geografia do local. Há toda uma harmonia do texto bíblico com o espaço em que se desenvolve a história. Por exemplo, como o leitor e a leitora irá entender o pano de fundo histórico do livro de Josué senão compreenderem a geografia do local? As histórias quer sejam narrativas, poéticas, parabólicas, apocalípticas, estão, na maioria das vezes, ligadas a uma referência local ou a um espaço geográfico determinado.

A terceira é a *identidade cultural*. Cada comunidade possui uma cultura que a identifica como tal. Elas possuem usos e costumes que foram adquiridos com o tempo e a região em que eles passaram ou se instalaram. Não só isso, há também fortes influências por intenções religiosas que os ajudaram a reger as políticas sociais para um viver em comunidade que parti do caos para a ordem. Pensamos que o termo *caoticamente organizado* pode definir o *a partir* de qualquer comunidade. Primeiro elas começam com alguma estrutura (ainda não definida) e com o tempo vão se reorganizando com suas preferências essenciais para a vida em comunidade.

A quarta é o *estilo linguístico*. Neste campo, as palavras estão inseridas em idiossincrasias étnicas que o leitor e a leitora não estão inseridos diretamente. Por

³² RODRIGUES, 2014, p. 41

³³ ZUCK, 1994. p. 16.

isso, o estudo das línguas³⁴ em que foram utilizadas para dar a forma final do texto deve ser meticulosamente apreciado por todos aqueles que desejam interpretar corretamente a mensagem do autor.

A quinta é *natureza literária*. Essa área exige cautela por parte do leitor e da leitora. Porque é preciso identificar a naturalidade do texto, ou seja, qual é composição ou a forma que define a abordagem interpretativa do texto. Se o texto, naturalmente, urge uma identificação poética, então se leia de forma poética. Mas se o texto bíblico, naturalmente, discorre em termos narrativos, então se interprete como uma narração e assim por diante para entender o propósito da mensagem.

A sexta é a *transcendência das leis da natureza*. Nosso mundo é regido por leis físicas que atuam como gerentes do universo. Elas atuam sincronicamente dando origem à ordem no sistema da natureza. Entretanto, existem eventos que estão registrados nas Escrituras Sagradas em que essas leis são *suspensas* para fugir do que é natural. Exemplos não faltam. A transformação da água em vinho, o reavivamento de Lázaro, a ressurreição de Jesus. Esses eventos ocorreram porque as leis da natureza foram suspensas para que essas ocorrências acontecessem. A ciência não consegue explicar, por isso damos o nome de milagre. Entendemos que essas dificuldades podem ser amenizadas com um caráter científico, mas para todas elas é exigido um componente de pressupostos legitimem o resultado. Estes pressupostos são chaves hermenêuticas para abrir ou ratificar o conteúdo da fé: Cristo.

Para Gordon D. Fee e Douglas Stuart existem dois níveis que devem ser transposto pelo intérprete: o *lá* e *então*. Eles introduzem em seu livro o seguinte argumento:

Logo, a tarefa de interpretar envolve o estudante/leitor em dois níveis. Primeiramente, é necessário escutar a Palavra que eles ouviram; devem procurar compreender o que foi dito a eles *lá* e *então*. Em segundo lugar, devemos aprender a ouvir essa mesma Palavra no *aqui e agora*³⁵.

Se o leitor e a leitora não procurar entender o que significa *lá*, é impossível decidir sobre o *então* de agora. Todo leitor e leitora é um intérprete. E como esse leitor e leitora irão fazer as suas devidas interpretações se não souber as atividades

³⁴ Hebraico, aramaico e grego, por exemplo.

³⁵ FEE, Gordon; PACKER, J. I.; Packer; EUGENE, Peterson; GAY, Craig; WILKINSON, Loren; HOUSTON, James. *Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 13.

linguísticas e históricas que envolvem o texto bíblico? Devemos lembrar que Deus, quando falou com seu povo, falou na medida de seus conhecimentos. Ele utilizou a história contemporânea para se identificar e assenhorar-se de Seu povo, por exemplo. Portanto, esse movimento de primeiro *ir ao contexto* do texto para *então* traduzir isso é de extrema importância.

Naturalmente, surge uma pergunta. Por que, então, estudar as Escrituras? Porque muitos leitores e leitora da Bíblia entendem que somente ela, por si só, pode nos orientar em todas as questões de interpretações. Ainda que professamos que a Bíblia é suficiente para conceitos de salvação e alcance, ela não traz todos os pormenores de suas nuances quanto a questões como, por exemplo, a história de Israel.

O leitor e a leitora da Bíblia devem estudá-la para sair do senso comum. É muito comum ver pessoas apoiando *as suas verdades* em frases do tipo: “Sempre foi assim!”. Se pedirmos que tal pessoa justifique a sua resposta e, caso ela não saiba justificar, naturalmente, ela ficará desconcertada. No entanto, toda Bíblia e seus livros que a explicam ou pelo menos tentam, veem de pessoas que gastaram as suas vidas para explicar a Palavra de Deus. Não podemos permitir essa demonização por parte dos leitores e das leitoras comuns e, ao mesmo tempo, elevar a um nível de compreensão que só fique no campo dos mestres e doutores. Precisamos de um equilíbrio para o acesso a uma unidade interpretativa. É preciso ter uma conformidade na área da interpretação dos assuntos essenciais, pois isso atinge diretamente a nossa vida como cidadãos e como crentes no mundo.

O leitor e a leitora podem se perguntar sobre o porquê de estudar hermenêutica bíblica. Os motivos podem ser diversos, mas existem pelo menos um que é importante: interpretar corretamente para aplicar corretamente. Pode parecer redundante, mas não é. Se o leitor ou a leitora começarem com as motivações erradas, certamente os resultados também serão. Portanto é necessário iniciar os estudos com as compreensões corretas. Elas podem ser de ordem espiritual ou natural. As espirituais estão inundadas de sentimentos marcados por afeições piedosas ou repulsivas. As naturais estão marcadas, muitas vezes, pelo ceticismo ou pela fé cega. Existe uma descrença saudável. Não é assim que se faz ciência? A frase “É assim porque sempre foi assim” pode ser perigosa. A fé também é racional. Não é à toa que defendemos, por exemplo, a ressurreição de Cristo. Houve

testemunho e milhares e milhares de pessoas entregaram suas vidas à morte por essa verdade.

Mas antes de expormos o porquê de estudar a Bíblia, devemos entender o porquê interpretar a Bíblia. Nosso alvo como cristão não é identificar uma nova interpretação, mas identificar a mensagem original aos seus ouvintes originais. Gordon D. Fee e Douglas Stuart nos auxiliam nessa intenção. Eles dizem:

A interpretação que visa a originalidade, ou que prospera com ela, usualmente pode ser atribuída ao orgulho (uma tentativa de “ser mais sábio” do que o resto do mundo), ao falso entendimento da espiritualidade (segundo o qual a Bíblia está repleta de verdade profundas que estão esperando para serem escavadas pela pessoa espiritualmente sensível, com um discernimento especial), ou a interesses escusos (a necessidade de apoiar um preconceito teológico, especialmente ao tratar de textos que, segundo parece, vão contra aquele preconceito).³⁶

Estudar a Bíblia não é só colocar diante de nós uma Bíblia, um caderno de anotações e um bom ânimo para se dedicar a isso. Isso é válido, mas para as verdades centrais da Bíblia, como por exemplo, Jesus é o Cristo. O leitor e a leitora precisam estudar a Bíblia com materiais que os auxiliem a identificar a cultura que envolveu o autor, o destinatário dos textos, o propósito ou os propósitos da carta ou do livro só para começar. Entendemos que a partir disso, podemos identificar qual a intenção que autor escreveu. O leitor e a leitora saberão dizer qual o significado *proposita* e aplicado a público primeiramente destinatário para um público secundariamente receptor dessa mesma mensagem.

É preciso estudar a Bíblia para desmistificar alguns conceitos de o porquê que no primeiro século o apóstolo Paulo orienta para que as mulheres usem o véu (1ª Co 11.6). O porquê de as mulheres usarem do silêncio e não falarem em público na igreja (1ª Tm 2.11). Para o leitor e a leitora comum podem acontecer, no mínimo, duas coisas: Ou ele e ela podem afirmar que Paulo é um machista e aprovar esses conceitos e aplicá-los sem a menor consideração com o contexto que a carta foi escrita. Outro tanto, o leitor e a leitora precisam estudar a Bíblia para que tenham um consenso comum, ou seja, uma unidade interpretativa nas questões básicas da fé cristã, como a doutrina do Ser de Deus, a do Homem, a de Cristo, a da Igreja e da Escatologia. No mínimo, por exemplo, nesta última doutrina devemos ter a certeza

³⁶ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 13, 14.

que Jesus voltará porque assim a Bíblia Sagrada afirma. Além disso, o leitor e a leitora devem estudar a Bíblia porque ela é um livro misto, ou seja, há uma parcela de construção espiritual tanto quanto humana. Augustus Nicodemus nos adverte que:

O fato de que a Bíblia foi inspirada por Deus, sendo assim a sua Palavra, também deve ser levado em conta por aqueles que desejam interpretá-la corretamente. A divindade e a humanidade das Escrituras devem ser mantidas em equilíbrio. Quando enfatizamos uma em detrimento da outra, acabamos por cair em alguns daqueles erros hermenêuticos [...].³⁷

O leitor e a leitora precisam estudar a Bíblia porque, simplesmente, não sabem todos os assuntos que permeavam as comunidades descritas tanto no Antigo como no Novo Testamento. A Bíblia não foi um livro que *caiu do céu* e agora está tudo em nossa mente para decodificar suas passagens textuais. Ela exige de nós uma sequência de estudos sistemáticas e aplicados. “Também”, diz Augustus Nicodemus, “não estamos dizendo que podemos explicar todas as dificuldades da Bíblia em termos absolutamente satisfatórios.” Realmente, há assuntos que nem o mais experimentado dos teólogos consegue dirimir alguns assuntos. O que eles nos trazem são aparentes interpretações de textos difíceis. “No entanto”, conclui Augustus Nicodemus, “não podemos aceitar soluções que impliquem numa diminuição da autoridade das Escrituras, sugerindo contradições ou erros. É preferível aguardar até que mais informações nos ajudem a achar soluções compatíveis com a natureza da Escritura e sua divina origem.”³⁸

2.3 Por Que Entender o Propósito do Texto?

Como diz Grant R. Osborne “o objetivo da hermenêutica evangélica é bem simples: descobrir a intenção do Autor/autor (autor = agente humano inspirado; Autor = Deus, que inspira o texto).”³⁹ Nessa mesma intenção, William Perkins nos diz que

³⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus Intérpretes: Uma breve história da interpretação*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 25.

³⁸ LOPES, 2013, p. 28.

³⁹ OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: Uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Trad. Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 29.

A Escritura é a Palavra de Deus escrita numa linguagem apropriada para a igreja, escrita por homens que foram diretamente chamados para serem os escreventes ou secretários do Espírito Santo: “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21).⁴⁰

A proposta autoral está ligada ao texto, pois de que outra forma o autor transmitiria a sua mensagem? Se a hermenêutica é a ciência que estuda os princípios e métodos para uma tradução/explicação, então se deve respeitar a intenção do falante original, ou seja, o autor(s). Como o leitor e a leitora haveria de traduzir/interpretar alguém pedindo, em inglês, por exemplo, um *copo de água*? O mesmo que significaria em qualquer língua. É claro que respeitando todos os diversos flutuantes da língua que se propõe a traduzir. Se um copo de água, por exemplo, para algum estrangeiro significasse um copo feito à base de água, então nós devemos interpretar para a língua que se pretende comunicar o significado original: um copo à base de água.

Não é fácil a adaptação para um conjunto de exposições corretas do texto bíblico diante de um público que está acostumado a ouvir mensagens que não estão de acordo com a verdadeira interpretação. Ou seja, há grupos de leitores e leitoras que não interpretam a Bíblia a partir do propósito do autor, isto é, primeiro estudamos tudo sobre o texto e sua história para então aplicarmos ele atualizado sobre os seus ouvintes contemporâneos. Aqueles que se propõem a mudar este cenário irão encontrar certas resistências, entretanto, todas elas derribáveis, pois Gorman nos lembra que

[...] para muitos que fazem parte do meio cristão, os anos de exposição à interpretação não teológica fizeram com que a leitura das Escrituras parecesse quase anormal, e aqueles de nós que estão tentando mudar esse viés estão cientes dos desafios enfrentados à medida que tentamos avançar na tarefa de conduzir de forma adequada uma interpretação teológica bíblica⁴¹.

Há um problema muito comum que deve ser evitado. É a restrição ou a ressignificação do termo/palavra para algum significado que não compreenda a sua intenção original. Aqui mora o problema daqueles leitores e leitoras que procuram interpretar a Bíblia a partir de sua contemporaneidade, ou seja, *daqui para lá*. Portanto, o leitor e a leitora que estão preocupados com o sentido natural do texto

⁴⁰ PERKINS, William. *A Arte de Profetizar*. Brasília: Monergismo, 2018. p. 23.

⁴¹ GORMAN, Michael J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 13.

devem estar atentos a esse campo. Isto é, eles devem *ir lá para então trazer para cá!* Não obstante, Willian W. Klein nos lembra que o autor/redator bíblico inspirado pode revelar algum significado não pretendido pelo autor inicial. Normalmente, isso acontece com os *autores* do Novo Testamento. Eles se *apropriam* do texto do Antigo Testamento e dão uma *importância* ao texto antigo. Lembremo-nos que os autores do Novo Testamento não dão um novo significado, eles dão uma importância a eventos anteriores que os que escreveram não deram.

Fazemos coro com Willian W. Klein quando ele opta por uma das cinco proposições que ele apresenta em seu material: “O autor bíblico pode ter pretendido que um texto tivesse somente um único sentido, mas o autor bíblico posterior pode ter descoberto outro sentido nesse texto”⁴². Klein continua:

Para onde será que esta discussão nos levará? A resposta não é simples; na verdade ela é complexa! Mas acreditamos que a interpretação bíblica deve se concentrar no texto (locução) e no que o autor humano pretendia alcançar através do texto (ilocução e perlocução)⁴³.

Ao interpretar um texto antigo, por exemplo, a Bíblia, ou jornal de hoje, ou outro texto, deve-se ter elementos suficientes para poder julgar se as informações que estão disponíveis são verdadeiras ou não. E como se faz isso? De novo: Indo às fontes de informação. Teremos uma boa interpretação se decodificarmos algum evento a partir das informações que temos? Depende. Existe a interpretação boa e a ruim. Perkins diz que “a interpretação é o esclarecimento das palavras e declarações da Escritura com a finalidade de apresentar seu sentido único, pleno e natural”⁴⁴. A boa é aquela que se aproxima, biblicamente, do contexto canônico. A má é aquela que não se importa com o restante do conteúdo bíblico, portanto todo leitor e leitora deve estar comprometido com a boa interpretação, partindo do pressuposto que a Bíblia é a Palavra de Deus percebida e descrita pelos seres humanos.

Têm-se informações suficientes para interpretar apropriadamente, então temos de ir atrás. O leitor e a leitora precisam se perguntar: “Tenho o máximo de

⁴² KLEIN, Willian W; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 319.

⁴³ “A locução descreve o que realmente é falado ou escrito: as palavras, as sentenças, o gênero etc. A ilocução se refere à intenção com que o falante ou escritor tem usado estas palavras específicas de uma forma específica com o tipo de energia empregada. Finalmente, a perlocução descreve o que o falante ou o escritor visualizava como o efeito ou os resultados em relação aos ouvintes ou leitores”. KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 302.

⁴⁴ PERKINS, 2018. p. 44.

informações possíveis? Já esgotei todo o assunto ao meu alcance? Há mais algum lugar em que eu possa obter essa informação?” Se sim, deve ir à busca!

O leitor e a leitora podem fazer uma boa interpretação. Há anos atrás, as atividades religiosas, políticas, sociais, por exemplo, receberam uma carga de influências altíssimas de diversas fontes e hoje somos influenciados por elas. Imaginemos um texto de 10 anos atrás. Será que as informações que temos a partir do texto, hoje, são suficientes para podermos interpretar os fatos que à época aconteceram? Bem, se o leitor ou a leitora for alguém que vivenciou tal época ou foi ator ou a atriz desse cenário é bem provável que saibam dar informações para que haja uma boa interpretação. Se o leitor e a leitora agiram de modo investigativo, saberão, de modo geral, bem mais que o que viveu e não se importou com a informação do evento.

Todo leitor e leitora devem ser um investigador e uma investigadora. Dizemos isso porque o investigador busca em várias fontes. Não só em uma. É como se ele buscasse em “sete câmeras” o mesmo evento. Ou seja, de sete ângulos ele observa sete movimentos de um único ato. O leitor e a leitora devem buscar como um ato investigativo o que tal texto (seja bíblico, político, econômico, social, religioso) as informações corretas. Esses propósitos nas mensagens, quando dizemos e interpretamos corretamente, é porque acreditamos que podemos encontrar a verdade. O mal do leitor e da leitora de hoje é não acreditar em absolutos. Tudo é: “No meu ponto de vista”.

A esse respeito Grant R. Osborne nos adverte que o foco autor → texto ← leitor mudou. Ele diz:

Visto que o autor não está mais presente para explicar o significado de seu texto, pode-se afirmar que este, uma vez que já está escrito, torna-se autônomo com relação ao seu autor? E se é o leitor que fornece o padrão pelo qual o texto é interpretado, que lugar o texto em si tem no processo de entendimento?⁴⁵

Essas são duas perguntas que precisam ser discutidas. O texto tem autonomia? O leitor e a leitora são autônomos do texto ou os manipuladores do propósito da mensagem? O pluralismo que vivemos já não nos permite fazer perguntas ousadas como esta. Mesmo que não observamos essas nuances de absolutos em nós, nós já os utilizamos como parâmetros de nossas decisões morais sobre o que é certo ou errado. Daí entra as nossas pressuposições e pré-

⁴⁵ OSBORNE, 2009, p. 598.

compreensões. Nossas pressuposições são a base inicial de nossas interpretações no texto como já dissemos anteriormente.

Existem intérpretes da Bíblia que a enxerga como um conjunto de literatura. Outros, porém, como o testemunho de fiéis que entenderam que as profecias, sermões, histórias foram registradas para testemunho posteriores. Provavelmente, quando eles escreviam nem imaginavam que seriam para o nosso conhecimento. Entretanto, há vários textos que essas testemunham asseveram que o que foi escrito e que estava sendo escrito era a Palavra de Deus.

Imaginemos um ambiente litúrgico em que a Bíblia é o objeto de apreciação escriturística e que seus apreciadores esperam que ela seja lida. Um dos atos do culto é a exposição da mensagem. Ela, necessariamente, precisa de alguém para explicá-la e fazer as devidas aplicações como lições para que o evangelho seja autenticamente ensinado. Assim se espera de qualquer pessoa que faz o manuseio da Bíblia. Espera-se que os leitores-expositores e as leitoras-expositoras levem em consideração três aspectos envolvidos neste cenário: o(s) autor(s) daquele determinado livro/carta, o público a quem se dirige e o contexto histórico da época. Neste sentido, quem *expõe* o texto torna-se dono do texto, quem ouve é influenciado pela narrativa interpretativa.

Num ambiente de explicação e de interação pode-se utilizar qualquer tipo de texto e começar a ensinar em cima dele. O leitor e a leitora comum, de modo geral, não estão preocupados com os elementos básicos de interpretação, nesse caso, a culpa é dupla: primeiro de quem pode ensinar errado e, segundo, de quem não confere se tal ensino é correto. A Bíblia, então, deixa de ser a Palavra de Deus, deixa de ser identificado por um autor. Portanto, tratar o texto bíblico sem a consciência de que ele existe/existiu um autor é no mínimo um ar de desrespeito pelas obras de *um outro* que pensa e produz intenções a partir de uma série de fatores que o levaram a escrever sobre determinado assunto.

Há conselhos distribuídos por pessoas mais experientes que nos ensinam como ler a Bíblia.⁴⁶ Antônio Renato Gusso é uma delas. Ele começa seu livro falando que é “o direito de todas as pessoas interpretarem por si mesmas o significado do conteúdo da Bíblia Sagrada”⁴⁷. Ele está coerente com o movimento

⁴⁶ OSBORNE, 2009, p. 26, 27.

⁴⁷ GUSSO, Antônio Renato. *Como Entender a Bíblia?* Orientações Práticas para a Interpretação Correta das Escrituras Sagradas. Curitiba/PR: A. D. Santos, 1998. p. 8.

reformado que *tirou* a Bíblia das mãos do clero romano e colocou-a nas mãos do povo em sua linguagem. Entretanto, foi assim que as pessoas comuns puderam ter acesso ao Livro que para eles era lido num outro idioma. Esse mesmo movimento tem de acontecer hoje. Os leitores e leitoras da Bíblia devem acreditar que podem ler a Bíblia e interpretarem de acordo com o que foi ensinado e estabelecido pelos profetas e apóstolos.

Gusso, porém nos chama a atenção para a responsabilidade. Ele diz: “Essa liberdade, contudo, não nos dá o direito de interpretá-la da maneira que quisermos ou que mais nos agrade”. Perceba que a liberdade de interpretar não pode ser confundida com a irresponsabilidade interpretativa. Todo ato de interpretar carrega consigo a responsabilidade de fazê-lo corretamente. Ainda que o leitor e a leitora da Bíblia estivessem lidando com textos literários comuns, eles não estariam autorizados a alterar o propósito da mensagem. Há perigos caso a Bíblia não for lida corretamente:

Poucas coisas são mais importantes na comunidade cristã do que ler as Escrituras corretamente. As Santas Escrituras têm imensa autoridade. Lidas incorretamente podem dar origem a guerras, legitimizar abusos, sancionar o ódio, cultivar a arrogância. Não somente podem fazer isso, como também têm feito... fazem. Esse é o perigo existente.⁴⁸

Antônio Renato Gusso dá seis lições preciosas aos leitores e às leitoras de *como entender a Bíblia*. Primeiro, ele diz que os intérpretes devem estar inclinados a pedir orientações para outras pessoas quando estiver com algum texto de difícil interpretação. Nem todo texto será de fácil interpretação. Haverá textos *complicados*. Alguns, segundo Gusso, estão dispostos a defender que a Bíblia só pode ser interpretada por especialistas. Outros, já se inclinam a um posicionamento de que qualquer um pode interpretar a Bíblia. Entretanto, Gusso, apresenta uma terceira opção, moderada, que diz:

Existem textos difícilísimos, os quais, até o momento, ninguém, nem mesmo os especialistas, conseguiram explicar de forma satisfatória; outros que podem ser entendidos, tendo-se alguns conhecimentos básicos das questões fundamentais que as envolvem e, ainda, outros claríssimos, que podem ser entendidos por qualquer criança.⁴⁹

⁴⁸ GUSO, 1998, p. 8.

⁴⁹ GUSO, 1998, p. 6.

Ele citando a passagem do etíope e Felipe continua:

O etíope estava lendo uma passagem muito difícil de se compreender do Antigo Testamento, que ele não teria condições de interpretar corretamente sem a ajuda de alguém que conhecesse, além do texto em si, aquele de quem o texto falava de forma profética.⁵⁰

Essa dificuldade aparente do etíope foi sanada quando alguém que entendia aquela passagem pode explicar o sentido correto do texto a ele. Certamente, se Felipe não soubesse a intenção do livro de Isaías e o significado daquela passagem, então não haveria o resultado final da explicação: a alegria da salvação.

Em segundo lugar, Gusso diz que os leitores e as leitoras devem ter *humildade* diante dos textos bíblicos⁵¹, ou seja, as pessoas precisam chegar ao texto sem arrogância, pensando que já sabem tudo sobre a passagem bíblica. Sempre há algo a se aprender. Devemos chegar com certo *estranhamento* ao texto por mais simples que ele seja. Por conta de várias possessões de ditados que aprendemos ao longo da caminhada cristã, nós, geralmente, proferimos textos sem o menor exame de seu contexto. Citamos textos sem interpretar de acordo com a passagem. Naturalmente, nossa interpretação vai ser diferente do que se espera porque, simplesmente, não temos a humildade de pesquisar. Quando tais leitores são questionados na sua interpretação, logo se iram facilmente e objetam a tudo quanto argumento baseando nas seguintes frases: “Esse é o seu ponto de vista”. “Eu sempre acreditei assim”. “Mas sempre me ensinaram desse jeito. Por que é que você que está certo agora?”

Em terceiro lugar, o leitor e a leitora devem *observar o texto com muita atenção*.⁵² Essa orientação é uma das mais importantes na atividade de interpretação. É muito comum nos depararmos com algum texto e ir logo interpretando sem critérios, na verdade, os critérios que são usados estão baseados na pessoa do intérprete e não nos critérios já expostos acima. Entretanto, podemos perder algumas informações que o próprio texto nos indica. Diante do texto bíblico, o leitor e a leitora precisam agir como um(a) detetive. Esse personagem, numa cena de crime, observa cada detalhe, procurando informações que podem ser úteis aos

⁵⁰ GUSSO, 1998, p. 6.

⁵¹ GUSSO, 1998, p. 11.

⁵² GUSSO, 1998, p. 10.

seus processos interpretativos. Partindo de partes para o todo, esse observador, a partir disso, tem condições de interpretar a cena.

Quanto mais a pessoa colhe essas informações, ou seja, quanto mais ela observa, ela terá um número de informações que podem lhe auxiliar a uma boa e correta interpretação. E, em se tratando do texto bíblico, Gusso nos lembra: “O texto deve ser observado de todos os ângulos, buscando-se as palavras-chaves, aquelas que mostram a base central do assunto, e o significado da passagem como um todo”⁵³. Esses *ângulos* não quer dizer que *cada leitor ou leitora tem a sua maneira de observar o texto*. Esses ângulos são as formas que podemos enxergar melhor o texto em consultas em fontes internas e externas. Internas quando procuramos na própria Bíblia textos que esclarecem o que se está estudando. Externas quando consultamos fontes, por exemplo: dicionários teológicos, atlas bíblico, introduções ao Antigo e Novo Testamento.

Em quarto lugar, o leitor e a leitora devem *observar o contexto do texto*⁵⁴. Gusso nos mostra que “em qualquer trabalho de interpretação devemos levar em conta o contexto: a) Imediato – capítulo ou passagem completa; b) Próximo – O livro bíblico que se encontra; c) Geral – A Bíblia como um todo”.⁵⁵ Segundo ele, não podemos retirar frases isoladas de seus contextos. Elas possuem uma unidade lógica com o sentido que o texto quer demonstrar. Frases isoladas não nos dão uma mensagem real. Por isso, é muito importante o leitor e a leitora saberem o sentido da frase e o significado das palavras em seu contexto para transmitir de maneira correta a mensagem do texto.

Em quinto lugar, o leitor e a leitora devem *descobrir o contexto histórico da passagem*. Gusso usa o termo *pano de fundo*. Para fins didáticos, iremos *atualizar* a fala dele. O que se pede do leitor e da leitora é que tenha um cuidado ao interpretar os textos, pois eles foram escritos há anos em contextos políticos, religiosos, econômicos e sociais de acordo com cada situação. Todo escrito é produto de seu meio. Cada autor escreve a sua mensagem para determinado público, região, usando termos que são, em tese, de conhecimento de seus destinatários. Para ratificar, ele acrescenta:

⁵³ GUSO, 1998, p. 20.

⁵⁴ GUSO, 1998, p. 29.

⁵⁵ GUSO, 1998, p. 29.

Quanto mais pormenores o intérprete conseguir do pano de fundo da passagem, maior a possibilidade de um bom entendimento. Para que isso seja possível deve-se procurar determinar, no mínimo, quem foi o autor da passagem, em que ocasião a proferiu ou produziu, em que época viveram os personagens envolvidos, em que época foi escrito, qual a localização geográfica, qual a situação econômica, social, religiosa e política da época dos acontecimentos e/ou da escrita, além de outros itens esclarecedores.⁵⁶

Isto não deve assustar o leitor e a leitora, porque existem especialistas que produzem materiais que nos auxiliam nestas pesquisas. É muito saudável o leitor e a leitora da Bíblia possuírem materiais de consulta. Esses podem auxiliá-los em questões de difíceis interpretações. Ler um texto sem observar o seu contexto histórico é adulterar a mensagem original. É claro que há passagens fáceis de entender. Entretanto, como interpretar os textos difíceis sem o auxílio de materiais específicos? Portanto, é necessário que o leitor e a leitora da Bíblia tenham algum material acadêmico para auxiliá-los na hora de interpretar.

Em sexto lugar, o leitor e a leitora devem *identificar os tipos de literatura*.⁵⁷ Gusso nos lembra que na Bíblia “temos: poesia; relatos históricos; alegoria; provérbios; parábolas; leis; oráculos; sermões; orações; cartas; literatura apocalíptica; cânticos; visões, e outras [...]”⁵⁸. Há outras formas de tipos literários que Roy Zuck cita, como o jurídico, a narrativa, o discurso lógico. Ele utilizando a Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblia cita:

Declaramos a necessidade de interpretar a Bíblia de acordo com o seu sentido literal, normal. O sentido literal é o sentido gramatical e histórico, ou seja, o expressado pelo autor. A interpretação literal leva em conta todas as figuras de linguagem e os estilos literários existentes no texto (Artigo XV).⁵⁹

Esse sentido literal ou normal é imbuído de uma leitura que respeita o próprio estilo do texto. Se o texto exigir que o leitor ou a leitora compreenda de modo figurado, então eles utilizarão as ferramentas adequadas para legitimar a interpretação. Caso contrário, deixemos então que o próprio texto diga-nos a sua mensagem. De um jeito ou de outro dirá, ou por meio de figuras ou num discurso lógico e narrativo.

⁵⁶ GUSO, 1998, p. 36.

⁵⁷ GUSO, 1998, p. 41.

⁵⁸ GUSO, 1998, p. 42.

⁵⁹ ZUCK, 1994, p. 148.

Antes de qualquer coisa, para se obter uma razoável interpretação correta, é preciso partir de pressupostos bem definidos. Se o leitor e a leitora possuírem elementos conceptivos que o caracterizam como um *conservador* como uma *conservadora*, logo as interpretações serão produtos de suas pressuposições ou pré-concepções. Por outro lado, se o intérprete possui pressupostos de que a Bíblia é uma peça literária que fala a respeito de um povo e de suas conquistas, então as interpretações serão diferentes. Todo o resultado da interpretação é a causa de entendimentos pré-estabelecidos que impulsionem o/a intérprete a interpretar.

Além dessas duas classes de intérprete, pode-se observar uma terceira. Há um conjunto de intérpretes comuns, ou seja, não acadêmicos, que utilizam suas concepções contemporâneas para interpretar as Escrituras. Ou seja, eles partem do “aqui para o aqui mesmo”. Estes leitores e leitoras não se importam com o que significou a mensagem original para os ouvintes originais e suas implicações. Esse terceiro grupo se importa, apenas, com o que o texto tem a dizer para eles. Mas isso não poderia ser diferente. Hoje, vivemos num mundo onde o relativismo é imperioso. Os sentimentos são mais importantes que o sentido pretendido pelo autor do texto sagrado. E, nesse sentido, as interpretações desses leitores podem ser interpretadas sem a referência da intenção do autor. Entretanto, para vencermos essas dificuldades hermenêuticas, precisamos estabelecer alguns princípios.

Primeiro. Todo leitor e toda leitora possui competências inerentes para interpretar. Como é que nós decodificamos os códigos da língua portuguesa? Simplesmente, sabendo quais são estes códigos. Isto não é diferente na interpretação. É preciso decodificar estes códigos para interpretá-los corretamente. Há convenções naturais de que, por exemplo, na matemática um mais um é dois. No português, a junção de uma vogal com uma semi-vogal formam um encontro vocálico. Assim é o primeiro papel do intérprete. Ele precisa saber ler estes códigos para decodificar a mensagem natural do texto. Para isso qualquer pessoa alfabetizada tem condições suficientes de interpretar. Basta ter uma noção mínima de regras gramaticais.

Uma das apropriações que o leitor contemporâneo ou a leitora contemporânea fazem na hora que sua interpretação está sendo exposta ou colocada em “xeque” é a afirmação que *depende do ponto de vista*. Se todas as

coisas fossem depender de pontos de vistas, não haveria espaços para compreensões únicas.

Qualquer um pode entender o propósito do texto, respeitando os critérios de interpretação. Basta-nos ter elementos comuns de pesquisa, como por exemplo informações a respeito de um dado histórico que interpretaremos corretamente, isto é, daremos o propósito proposto pela passagem. O que muitas vezes acontece é: os leitores e leitoras leem apenas um texto isolado e com isso está armada a confusão hermenêutica. Mas se todos respeitassem essas regras básicas, então não teríamos tantos problemas de interpretação.

Quanto ao propósito natural, acredita-se que temos chegado a um consenso, mas e quanto à disposição para obedecer? Exige-se do intérprete *fé*. William W. Klein diz que essa exigência “é a disposição de se colocar ‘sob’ o texto, de submeter a vontade para ouvir e reagir ao texto de maneira fiel”⁶⁰. E ele continua:

Não poderemos entender de forma genuína o que um texto queria dizer sem permitir que ele afete nossa vida de maneira que o texto pretende. A interpretação envolve uma dialética fundamental entre a origem histórica de um texto e a perspectiva do leitor ou intérprete moderno. Concentrar-se somente no primeiro relega a Bíblia ao status de um artefato antigo, porém irrelevante. Já abandonar a referência histórica e buscar apenas alguma importância sentimental para hoje é outro erro.⁶¹

Além disso, para fazer uma boa interpretação é imprescindível que o leitor e a leitora utilizem outras fontes para confirmar, corrigir ou jogar luz sobre o texto que se lê. Klein, citando Charles H. Spurgeon, diz:

É claro, não sois tão sabichões para pensar em modos de expor a Escritura sem o auxílio das obras de homens excelentes e conhecedores que trabalharam antes de vós na área da pregação expositiva. Se pensardes assim, rogo que assim permaneçais, pois não precisais preocupar-vos com a vossa conversão, e como um pequeno grupo que pensa como vós, resistiríeis à tentativa como um insulto a vossa infalibilidade. Parece um tanto estranho que certos homens que falam tanto sobre o que o Espírito Santo lhes fala, devam desprezar tanto o que ele revelou a outros.⁶²

⁶⁰ KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 252.

⁶¹ KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 252.

⁶² SPURGEON apud KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 252.

Outro fator que é indispensável para uma legítima interpretação é a ação iluminadora do Espírito Santo. É ele quem completa o “processo da exegese”⁶³ no leitor e na leitora. É Ele quem ilumina a mente dos cristãos para apropriarem-se da verdade (1 Co 2.6). Klein diz: “Essa obra de iluminação do Espírito não serve de atalho nem nos permite dispensar os princípios da hermenêutica e as técnicas de exegese. Isto é, o Espírito não revela os sentidos do texto ‘do nada’, de forma aleatória”⁶⁴. O quanto de estragos hermenêuticos poderia ser evitado se houvesse uma associação entre o método de interpretação natural e a ação do Espírito Santo na vida do intérprete. Portanto, o leitor e a leitora devem buscar a dependência do Deus Espírito Santo para compreender e aplicar a Sua Palavra a si e aos outros.

Ao concluir este capítulo, chegamos às seguintes conclusões. Em primeiro lugar, o leitor e a leitora são coautores interpretativos com o autor do texto. Ele e ela são comprometidos com o propósito que o autor do texto quis tencionar ao seu público. Em segundo lugar, o leitor e a leitora possuem capacidade para *vencer* as dificuldades que aparecem na hora de interpretar o texto bíblico. Ele e ela são incentivados ao estudo regular sobre os contextos históricos e gramaticais do ambiente que o texto exige. E, por último, o texto possui uma proposta com propósito, ou seja, o autor escreveu o texto com um propósito para um público. Esse é a postura hermenêutica que o leitor e a leitora têm de encontrar no texto para interpretar corretamente a mensagem.

No próximo capítulo, iremos entender que o leitor e a leitora têm de ter regras para interpretar o texto; que todo texto possui um propósito; e que há a possibilidade de compreender o texto bíblico.

⁶³ KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 253.

⁶⁴ KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 253.

3 TEXTO: uma proposta com propósito.

Neste capítulo, queremos demonstrar ao leitor e à leitora que existem regras para interpretar o texto bíblico. Ele e ela devem procurar compreender essas balizas para interpretarem com coerência teológica. Um outro ponto que pretendemos abordar é: todo texto possui um propósito designado pelo autor, ou seja, todo texto tem uma proposta com propósito. Por último, temos o desejo de mostrar que o texto bíblico é *compreensível*. Todo leitor e toda leitora têm capacidade de compreender, interpretar e aplicar o texto de acordo com o propósito do autor do texto.

3.1 Há Regras Para Interpretar o Texto?

A origem da palavra hermenêutica, segundo a mitologia grega, está ligada a Hermes. Um deus que servia de mensageiro para interpretar as mensagens aos seus destinatários⁶⁵. Hermenêutica, então “passou a significar o ato de levar alguém a compreender algo em seu próprio idioma (logo, “explicar”) ou em outra língua (logo, “traduzir”)”⁶⁶. Ou seja, é impossível dissociar a interpretação de seu contexto.

Dizemos que a hermenêutica é uma ciência artística. Ela é uma ciência porque possui regras que orientam o intérprete a produzir de maneira lógica o resultado. Ela é arte porque é preciso habilidade para manifestar sensibilidade de maneira racional à história e aos conceitos que se movimentam na construção do texto que é o objeto de estudo⁶⁷ do leitor e da leitora. Roy Zuck afirma: “Interpretar inclui esclarecer e tornar inteligível o que era obscuro”.⁶⁸ Precisamos ser os *Hermes* da contemporaneidade. Está na nossa responsabilidade o dever de compreender e de ler o texto corretamente para então reproduzirmos fielmente o que o autor do texto quer transmitir em sua mensagem.

Surge então a pergunta. O que é hermenêutica? Essa é uma pergunta essencial para darmos consistência a todo o processo de investigação deste trabalho. “A *hermenêutica* descreve a tarefa de explicar o sentido das Escrituras, [...] os princípios usados para entender o que algo significa, para compreender o que

⁶⁵ VIRKLER, Henry. *Hermenêutica Avançada*: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2007. p. 9.

⁶⁶ ZUCK, 1994. p. 20, 21.

⁶⁷ ZUCK, 1994, p. 20, 21.

⁶⁸ ZUCK, 1994, p. 20, 21.

uma mensagem – oral, escrita ou visual – busca comunicar”.⁶⁹ Segundo Körtner “hermenêutica é, de modo geral, a ciência da compreensão e de suas condições específicas. O conceito de hermenêutica bíblica descreve a ciência da compreensão das escrituras bíblicas e de seus textos.”⁷⁰ Todavia, queremos afunilar a linha de pesquisa de hermenêutica para a hermenêutica bíblica para efeitos didáticos o campo de estudo. Damos o nome de hermenêutica bíblica, porque, simplesmente, estamos tratando sobre a Bíblia – As Escrituras Sagradas.

As regras são as mesmas se fôssemos interpretar um livro que tratasse sobre física, biologia, poesia, história. Usa-se os mesmos critérios como se fosse necessário investigar qualquer outro texto. O “além” que podemos acrescentar seria que para interpretação bíblica precisa-se de dois elementos: a fé e a iluminação. Estes dois concedidos pelo Espírito Santo ao leitor e à leitora. Klein procura mostrar que “a interpretação não é *nem* simplesmente uma arte *nem* simplesmente uma ciência. Ela é *tanto* uma arte *como* uma ciência”.⁷¹

Então, hermenêutica é a arte de interpretar um texto com sensibilidade racional. Hermenêutica bíblica é a arte de interpretar um texto bíblico. A divisão pode até ser interessante, mas se fizermos, estamos incorrendo em erro, porque a hermenêutica é uma só. Ela possui regras básicas para nortear a correta interpretação, entretanto, muitos leitores e leitoras atropelam as fases da interpretação. As regras são gerais para qualquer elucidação/tradução.

Se há regras tanto no campo da linguística, da história, da cultura, então elas não podem ser diferentes das traduções/explicações bíblicas. Por que acreditamos em alguma história? Certamente, estamos apoiados em alguma base de conceitos que moldam nossa perspectiva quanto a nossa cosmovisão e ela se dá por meio de alguma comunicação quer seja oral ou escrita. E para tanto, partimos do princípio de que há o verdadeiro, o absoluto. Acompanhando William W. Klein, afirmamos que

Estamos convencidos de que quando entendermos a natureza da Bíblia e do que Deus fez para providenciá-la, perceberemos que ela não pode ser limitada a uma lista de crenças para seguir, de atitudes para praticar, de ações para buscar, nem de coisas opostas correspondentes para evitar.⁷²

⁶⁹ KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 46.

⁷⁰ KÖRTNER, 2009, p. 102.

⁷¹ KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 49.

⁷² KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD, 2017, p. 39.

O texto bíblico passou por situações que o geraram até a sua forma final, cristalizada. Foram influenciados por processos linguísticos como qualquer outro texto. Por isso, o que é hermenêutica? É um estudo sobre esses eventos registrados pela história no papel, ou seja, da oralidade para a escrita. É uma arte de procurar e perceber as informações para poder transmitir com fidelidade o propósito do desenhado pelo autor aos seus destinatários originais.

Se partirmos do pressuposto que todo leitor e leitora é um e uma intérprete, inevitavelmente, eles serão um exegeta também. Mas para darmos prosseguimento a essa afirmativa, devemos entender o que é exegese. Ela “pode ser definida como uma cuidadosa análise histórica, literária e teológica de um texto”.⁷³ A exegese e a hermenêutica andam de mãos dadas. A exegese se pergunta: “O que é isso?”; a hermenêutica responde: “Isso significa...”.

O que vem a ser a exegese? Michael J. Gorman nos ensina que “o termo técnico para a análise cuidadosa de um texto bíblico é *exegese*, do vergo grego *exegeisthai*, que significa ‘conduzir para fora’ (*ex*, ‘fora’ + *hegeisthai*, ‘conduzir’)⁷⁴. Sob este olhar nos posicionaremos para contemplar uma das formais mais extraordinárias que é extrair do texto os seus significados gramaticais e históricos que a própria hermenêutica exige para uma adequada interpretação.

A exegese diz: “Antes que você possa ouvir isso com o seus ouvidos, ouça-o com os deles. Antes que você possa compreender isso nos dias de hoje, compreenda nos dias deles”. Ela nos pede para assumirmos a perspectiva do autor e de seu público em seu cenário original. A exegese nos pede para sermos arqueólogas mais capazes naquilo que precisarmos. Ela nos dá a perspectiva necessária para interpretarmos adequadamente as Escrituras.⁷⁵

O leitor e a leitora que se atenta a exegese irá identificar com algumas situações similares à sua. A de perguntar o que significa aquele texto bíblico. Antes dos autores bíblicos serem escritores, eles foram exímios leitores dos textos que estavam disponíveis. Quando Paulo diz a Timóteo que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. (2ª Tm 3.16). Ele diz isso olhando para o Antigo Testamento, pois o Novo ainda estava em construção. Para essas instruções que

⁷³ GORMAN, Michael J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 26.

⁷⁴ GORMAN, 2017, p. 26.

⁷⁵ WILKIN, 2015, p. 74.

são apresentadas no Novo Testamento, os autores bíblicos tiveram de ler como leitores. Provavelmente, essa deve ser a função de todo leitor e toda leitora se quiserem obter uma adequada interpretação bíblica. Vemos isso em Paulo e Tiago. Alguns acusam que os dois não concordam na doutrina da salvação. Mas, devemos perceber que o contexto que Paulo e Tiago quer nos levar é que a salvação é pela Graça de Deus (verticalmente justificada por Ele) e pelas obras (justificada diante dos homens). Ou seja, os dois estão falando a mesma coisa, para públicos diferentes, entretanto essa aparente contradição não contraria a interpretação canônica da doutrina da salvação em seu sentido geral.

Michael J. Gorman demonstra em seu livro que a exegese caminha por três vias: a investigação, o diálogo e a arte! É investigação porque o leitor e a leitora precisam fazer perguntas ao texto para descobrir o que aquele texto quer dizer. É fazer perguntas das mais fáceis às difíceis, mesmo que em um primeiro momento não obtemos uma solução interpretativa. Como diz o autor: “Algumas vezes, fazer exegese significa aprender a fazer as perguntas certas, mesmo que elas não possam ser respondidas imediatamente”.⁷⁶ E até mesmo levantar questões difíceis de responder.

Se o leitor e a leitora investigam, então é necessário que ele e ela dialogue com o texto. “O leitor isolado não é um exegeta bíblico ideal”.⁷⁷ Não é ruim o leitor e a leitora se firmar na sua profissão de fé e a partir dela perscrutar os textos bíblicos, entretanto não é saudável que ele ou ela se atenha a só a sua perspectiva hermenêutica e autores acadêmicos de sua predileção. Ou seja, é preciso que o leitor e a leitora procurem também em outras fontes para dialogar com as suas primeiras interpretações sobre o texto. “Seria um erro, entretanto, pensar que somos a primeira ou a única pessoa a levantar questões sobre o texto bíblico ao procurarmos analisá-lo e nos envolver nele cuidadosamente”.⁷⁸

Naturalmente, surge a arte de interpretar. Michael J. Gorman diz que “um exegeta precisa não somente de princípios, regras, trabalho duro e habilidades de pesquisador, mas também de intuição, imaginação, sensibilidade e fazer aquelas descobertas que o beneficiem por acaso”.⁷⁹ Portanto, associar essas três vias numa

⁷⁶ GORMAN, Michael J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 27.

⁷⁷ GORMAN, 2017, p. 27.

⁷⁸ GORMAN, 2017, p. 27.

⁷⁹ GORMAN, 2017, p. 28.

única mão será imprescindível ao leitor à leitora. São três conselhos que devem nos guiar para uma adequada interpretação. Se há investigação séria, um diálogo saudável, e uma habilidade artística na interpretação, então a hermenêutica acontecerá de forma natural e contagiosa.

Há dois tipos de hermenêutica: uma geral e outra especial. A *geral* é a aplicação dos princípios interpretativos nos textos. A *especial* é a aplicação de regras específicas aos gêneros específicos, por exemplo, a poesia, a profecia, a narrativa, a parábola. Não se pode querer interpretar poesia com a mesma regra uma narrativa histórica. Entender que as regras gerais se aplicam a todos os textos bíblicos, como contexto histórico, cultural, político, econômico, religioso. É diferente abordar um texto em forma de parábola, pois normalmente traz “uma verdade” sobre determinado assunto já trabalhado ou a trabalhar. Não dá para nos apegarmos em detalhes numa parábola, mas numa narrativa histórica elas são quase sempre importantes.

As regras gerais alcançam todo o conteúdo, respeitando o núcleo de nossa interpretação que é procurar o propósito da mensagem no texto bíblico. Com isso, mostra-se que não é porque colocamos um termo para especificar a linha de pesquisa que estamos tratando de modo desvinculado de regras gerais da hermenêutica e como aplicá-las a determinado campo de estudo. O fato é que o leitor e a leitora trabalham com a ‘palavra’. Dela formamos ideologias, conceitos. Damos e redistribuímos significados; interpretamos por meio dela. Estas ‘palavras/textos’ devem ser nosso alvo interpretativo. Qualquer tipo de mudança de estado ou ser se dá por meio da palavra. Por uma *palavra* avançamos ou paramos. Por outra, damos crédito ou desacreditamos. É por meio de uma ou poucas palavras que nós nos movemos a lutar ou morrer.

A cada ciclo vivencial, geográfico, histórico, uma determinada comunidade faz uso e apropriação de termos que são características peculiares daquele povo. Afinal de contas, não é pela ‘palavra’ que o leitor e a leitora se comunicam quer seja oral ou escrita? Na linguagem oral, ainda podemos perceber a entonação e pausas necessárias à comunicação e ainda assim entendemos que podem haver algumas dificuldades a serem percebidas. Por exemplo: “Você pode repetir o que disse?” Todavia se tratando da escrita, então devemos ter o máximo de cuidado ao escrever quanto ao recepcionar algo já escrito, ou seja, decodificar o que já foi estabelecido.

Isso mesmo. *Decodificar* é a palavra chave para nosso entendimento, compreensão da proposta autoral.

O leitor e a leitora devem considerar o tempo, o espaço, a história vivencial, a mensagem originalmente destinada e todos os aspectos que possam nos nutrir de bases sólidas para uma correta interpretação. De que outra forma daríamos créditos ao que cremos? Não é pela *palavra* que nos apropriamos e damos o efeito necessário ao resultado que se espera de uma ordem, por exemplo? Nossas crenças, ainda que alguns acreditem que elas sejam de múltiplos significados, não estão baseadas em *palavras*? A interpretação correta é possível. Ainda que, em qualquer universo científico tenha conceitos e significados, as palavras devem ser respeitadas por aqueles que fazem o uso de sua leitura, pois há códigos linguísticos que devem ser preservados para atingirem a sua finalidade.

Toda a nossa crença está baseada em algum sistema histórico, portanto não podemos descartar a lógica sensitiva dos textos bíblicos. Eles querem nos transmitir um propósito. Enquanto não for lançado mais luz sobre ele, não haverá um esclarecimento do assunto/tema. Quanto maior é a reunião de informações sobre o texto, melhor o leitor e a leitora têm condições de julgar o que cabe ao texto.

A frase “o que significa para mim, pode não significar para você” deixa de ter coerência no momento que o leitor e a leitora se propõem a estudar o propósito do texto, ou seja, há a possibilidade de chegar a um entendimento comum sobre o texto a partir do momento em que o leitor e a leitora se permitem ser convencido pelo próprio texto. Por que na matemática $1 + 1 = 2$ (e todos entendemos por raciocínio lógico). Por que na linguagem a palavra “pedra” não pode ser terminantemente associada à rocha? Alguém pode objetar: “Mas depende do contexto!”. Justamente, é o contexto que define o significado das palavras e o propósito predominante em categorias imediatas, históricas e canônicas.

Quando digo que “a manga caiu em cima do telhado!”. Não podemos interpretar algo diferente disso, ao menos que o contexto nos autorize. O que o leitor e a leitora podem associar interpretativamente é que “uma manga (fruta) caiu no telhado” literalmente. Alguém poderia objetar: “Mas e se o autor quisesse *intencionalmente* dizer o diferente?”. A nossa resposta é: Em primeiro lugar: Pelo próprio contexto ele deixaria claro essa intenção. Segundo: Estamos tratando sobre os textos bíblicos que foram inspirados por Deus. Cada palavra em seu devido lugar.

A exegese-hermenêutica, segundo Virkler⁸⁰, envolve seis áreas para uma correta compreensão do propósito do texto. A primeira delas é a canonicidade. Ela está interessada em quais livros são considerados inspirados e os que não são, pois partimos do pressuposto de que a Bíblia protestante contém os livros que são inspirados por Deus e que o Seu Espírito guiou a Igreja para tanto.

A segunda é a crítica textual. Essa por sua vez procura averiguar/pesquisar se tal sentença textual da Bíblia está de acordo com os vários registros/cópias do testemunho bíblico/escrito, ou seja, é uma comparação de um manuscrito com outros. Uma observação interessante que Virkler faz ao citar F. F. Bruce que diz: “As variantes textuais acerca das quais permanece alguma dúvida entre os críticos textuais do Novo Testamento não afetam nenhuma questão essencial do fato histórico ou da fé e prática cristãs”⁸¹.

A terceira é a alta crítica. Por sua vez, as pessoas que se engajam nessa área procuram dados do tipo: data, autor, composição, circunstâncias, autenticidade, unidade literária. A quarta é a exegese. Ela é a aplicação dos princípios da hermenêutica para chegar a uma voz que o texto está enunciando. A ideia é tirar o significado *do* texto⁸² (retiramos as informações de lá - exegese) e não *no* texto⁸³ (lemos/interpretamos o texto a partir daqui – contemporâneo - eisegese).

A quinta é a teologia bíblica. Ela, para obter o conhecimento devido, faz a seguinte indagação. “Como foi que esta revelação específica contribui para o conhecimento que os crentes já possuíam naquele tempo?”⁸⁴. A sexta é a teologia sistemática que trata em ordem os temas/assuntos de forma lógica como a doutrina do Ser de Deus, a Criação e a Antropologia, a Cristologia, a Pneumatologia, a Soteriologia, a Eclesiologia, e a Escatologia. Seu foco principal é mais a organização que a própria história dos textos bíblicos.

Cada leitor e leitora é um intérprete por natureza. E como leitores e leitoras devemos buscar elementos para interpretar corretamente. Precisamos entender o propósito do texto para então interpretá-lo com fidelidade a mensagem. Willian Klein nos lembra que

⁸⁰ VIRKLER, 2007, p. 10,11.

⁸¹ VIRKLER, 2007, p. 10.

⁸² VIRKLER, 2007, p. 10, 11.

⁸³ VIRKLER, 2007, p. 10, 11.

⁸⁴ VIRKLER, 2007, p. 10, 11.

para comunicar, um autor codifica algum conteúdo proposicional em uma forma literária ou oral específica. A forma (por exemplo, o gênero) pode até ser escolhida porque é o melhor 'recipiente' para transmitir a 'energia' e o conteúdo para alcançar o propósito desejado, isto é, produzir o efeito desejado sobre os leitores, seja para persuadir, para prometer, para informar, para advertir, para orientar, para exortar etc. Para explicar o 'sentido' em um texto exige um entendimento desses aspectos da comunicação. O sentido de um texto não se pode extrair simplesmente decifrando sentidos das palavras e da gramática (mesmo com toda a importância que essa tarefa tem), deve-se também observar o modo como a mensagem se apresenta e o seu próprio propósito específico⁸⁵.

3.2 Há Uma Proposta Com Propósito No Texto?

Quando se fala em hermenêutica é impossível divorciarmos da exegese. É como se fossem duas asas de um único pássaro. Qual é a mais importante? É uma pesquisa que resulta naturalmente com a sua compreensão. Primeiro pelas noções reais de significados à luz consciente de seu leitor e de sua leitora, e, em segundo, pelos pressupostos do leitor e da leitora diante do texto. Ao fazer exegese a hermenêutica já está acontecendo. Nós já estamos decodificando sinais, escolhendo sentidos gramaticais e históricos que se coadunam com o contexto. Há uma apropriação de significados para formar um todo coerente e coeso a partir das informações que estão disponíveis. Desse modo, transmitimos a mensagem com todo o cuidado sem alterar o conteúdo. Somos e devemos ser os *Hermes* da contemporaneidade!

Gordon D. Fee faz uma citação interessante a respeito de Karl Barth em que cita a sua fala aos seus alunos em ocasião de sua expulsão da Alemanha em 1935.

Temos estudado com seriedade e com alegria. Se dependesse de mim continuaríamos assim, e eu já havia aceito a ideia de ser enterrado aqui, perto do Reino! E agora chegou o fim. Então, ouçam meu pequeno conselho: exegese, exegese e mais exegese! Apeguem-se à Palavra, às Escrituras que nos foram dadas.⁸⁶

Vivemos em um mundo de filosofias, teologias e interpretações pós-modernas, mas elas não podem alterar o propósito pretendido pelo autor/redator bíblico. As informações que são decodificadas já estão imbuídas de compreensões à luz consciente de seu pesquisador ou pesquisadora. Quanto mais luz/conhecimento tiverem, mais competência este ou esta tem para interpretar. Por isso, nos valem

⁸⁵ KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR, 2017, p. 302.

⁸⁶ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 204.

de uma pergunta para começo. O que é exegese? É a “verificação do sentido do texto bíblico dentro de seus contextos histórico e literário”⁸⁷

Gorman define exegese “como uma cuidadosa análise histórica, literária e teológica de um texto”⁸⁸. Virkler procura nos ajudar um pouco mais. Ele diz que “exegese é a aplicação dos princípios da hermenêutica para chegar-se a um entendimento correto. O prefixo *ex* (“fora de”, “para fora”, ou “de”) refere-se à ideia de que o intérprete está tentando derivar seu entendimento *do* texto, em vez de ler seu significado *no* (“para dentro”) texto (eisegese)”⁸⁹. Na maioria das vezes é por aqui que o leitor e a leitora começam sua interpretação. Ele ou ela, às vezes intencionalmente, abandonam toda história linguística e social que cooperaram para que o texto chegasse em sua forma final.

Henry Virkler nos ajuda com o seguinte comentário de Hirsch que expõe sobre as dificuldades que as escolas liberais e neoliberais nos legaram em questões de significados a partir das percepções de seus múltiplos redatores bíblicos:

Quando os críticos baniram o primitivo autor, eles próprios usurparam-lhe o lugar [como quem determina o significado], e isto levou infalivelmente a algumas das confusões teóricas da época presente. Onde antes havia tão-só um autor [um determinante do significado], surgiu agora uma multiplicidade deles, cada qual trazendo consigo tanta autoridade quanto o seguinte. Banir o primitivo autor como o determinante do significado era rejeitar o único princípio normativo obrigatório que poderia emprestar validade a uma interpretação... Porque se o significado de um texto não é do autor, então não há interpretação que possa corresponder ao significado do texto, uma vez que o texto não pode ter significado determinado ou determinável⁹⁰.

Fazer eisegese ficou muito mais fácil do que se pensa. Se qualquer um, agora, é dono daquele determinado texto bíblico, logo, naturalmente, as interpretações serão tantas quantos indivíduos racionais existirem. Não há então uma unidade interpretativa. Por exemplo, os milagres. Os leitores e as leitoras de linha conservadora irão afirmar que essa atividade está disposta na Bíblia. Se quisermos interpretar determinado fato coerentemente, deve-se, necessariamente, ir à fonte! Nós sofremos influências de todos os lados do conhecimento – do espiritual ao científico. É imprescindível que o leitor e a leitora interpretem as informações de sua contemporaneidade à luz dos fatos ocorridos e àqueles que estão concorrendo

⁸⁷ ZUCK 1994, p. 20, 21.

⁸⁸ GORMAN, 2017, p. 26.

⁸⁹ VIRKLER, 2001, p. 10.

⁹⁰ VIRKLER, 2007. p. 16.

na história. Uwe Wegner, em seu manual de metodologia que trata da exegese do Novo Testamento, diz:

A primeira tarefa da exegese é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal forma que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para nós que vivemos em outra época e em circunstâncias e cultura diferentes⁹¹.

Nisto, é preciso que, também, haja informações suficientes para poder julgar entre o que é correto e o que não é. Fazemos isso o tempo todo naturalmente. Por exemplo, como vamos interpretar a falta de abastecimento de energia elétrica em nossas casas? Devemos, no mínimo, procurar informações que nos auxiliem a julgar corretamente as causas deste episódio. Se, por um acaso, fizermos conjecturas ou se tratarmos esse evento a partir de nossas informações próprias, provavelmente, vamos incorrer em erro. Pois existe, pelo menos, uma explicação lógica para esse evento.

A academia teológica contribuiu bastante para este afastamento do leitor e da leitora do dono do texto. Antigamente, segundo Augustus Nicodemus Lopes, os leitores e as leitoras eram estimulados a interpretar os textos bíblicos numa perspectiva diacrônica, isto é, buscavam saber quem eram o autor, a história e o seu contexto. Hoje, passamos para uma leitura sincrônica, ou seja, estamos preocupados com o que o texto tem a nos dizer sem nos preocupar com quem e para quem foi escrito.⁹² Isso contribui para um posicionamento eisegético por parte do leitor e da leitora. Eles, nessa linha de base, não têm compromisso algum com o autor, só com o texto. É o texto que lhe é mais importante que tudo. Nesse caso, eles desconsideram todas as circunstâncias com que foram produzidos o texto.

Para que se estabeleçam as diferenças desses métodos (diacrônico e sincrônico), primeiramente, precisamos assinalar quais são as suas bases comuns. Primeiro, eles são métodos. Apesar de virem de escolas diferentes, seus adeptos utilizam processos para chegarem a um determinado fim: a interpretação. Segundo, eles se apoiam na história. Não há como definir algum contexto de carta ou de livro bíblico se não obtermos um relato daquela situação a partir de fontes bíblicas ou extrabíblicas. É preciso consultar os livros e todos os meios que possam ajudar a

⁹¹ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2012. p. 23.

⁹² LOPES, 2013. p. 199.

lançar luz sobre o texto sagrado. Quanto mais luz, mais clareza para enxergar o texto.

Os métodos de interpretação que surgiram desempenham papéis importantes na busca pelo propósito do texto. O que é mais interessante é que *todos* buscam a verdade. Antes de falar sobre cada método e suas implicações ao leitor e à leitora, é imprescindível saber as fontes em que os primeiros intérpretes utilizaram para compreender as Escrituras.

Um fator que é decisivo é o contexto histórico do texto. E os dois métodos utilizam, do contrário não seriam *históricos*. O método diacrônico se utiliza do texto *gramaticalmente* para determinar as estruturas do conteúdo teológico com a associação *histórica* da construção do texto em sua forma final. “Essa abordagem analisa apenas a forma final do texto, como ele aparece na Bíblia, como a lemos”.⁹³ O método sincrônico se utiliza da crítica textual, da forma, da tradição, das fontes. “O seu foco está na origem e desenvolvimento do texto”⁹⁴.

Trabalhamos a partir de textos sagrados que possuem histórias que precisam ser averiguadas. Todo texto, a princípio, possui o seu público ou grupo de pessoas determinadas pelo autor do texto. Pensando mais um pouco, todos os textos são escritos em épocas de significação histórica, econômica, política, literária, religiosa. Se a narração bíblica aconteceu em determinado lugar e época, então, faz-se necessário o uso de ferramentas, como dicionários bíblicos, enciclopédias bíblicas, léxicos grego e hebraico. Ninguém quer tornar os leitores e as leitoras em especialistas, mas, apenas, muni-los e incentivá-los a obter materiais de apoio para a interpretação bíblica. Por isso é necessário um esclarecimento dos pressupostos que se utilizam. Eles dão a forma para toda a interpretação. Quanto mais se estuda, mais os pressupostos são alinhados com a forma da teologia que se pretende enxergar o texto sagrado.

As diferenças existem e estão nos pressupostos e conceitos que são formados a partir destes que os leitores e as leitoras se utilizam. Para os intérpretes e as intérpretes conservadores a Bíblia é a Palavra de Deus Inerrante, Infalível e Suficiente. O professor Uwe Wegner nos apresenta três métodos em seu livro⁹⁵.

⁹³ GORMAN, 2017, p. 29

⁹⁴ GORMAN, 2017, p. 32

⁹⁵ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7ª ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2012. p. 26.

Primeiro, ele diz que o método fundamentalista “parte do pressuposto de que cada detalhe da Bíblia é divinamente inspirado, não podendo, em decorrência, apresentar erros ou incongruências”⁹⁶. Em segundo lugar, ele apresenta o método estruturalista. Esse método analisa o texto em uma forma sincrônica, ou seja, não se interessa pela formatação do texto, apenas procura trabalhar com o texto em sua forma final já apresentada. “[...] o seu valor reside no fato de fundamentar a validade de novas releituras e interpretações: cada texto carrega uma ‘reserva de sentido’ a ser infinitamente explorada de forma inovadora por gerações posteriores”.⁹⁷

Em terceiro lugar, o método histórico-crítico. “Na atualidade”, segundo Uwe Wegner, “o método histórico-crítico caracteriza-se, sobretudo, por ser eminentemente racional e insistentemente questionador”⁹⁸. Esse método foi despertado por pensadores iluministas que procuravam racionalizar as respostas teológicas. Esse cultivo a um academicismo não foi de todo ruim. Os conservadores tiveram de *pensar*, ou melhor, *repensar* suas teologias recebidas de cristãos conservadores. Eles tiveram de dialogar com a academia teológica.

Toda essa teologia interpretativa atingiu o leitor a leitora comum. Eles, agora, influenciados por esses métodos, mesmo que não tenha ciência de qual método está usando, possuem capacidade interpretativa. Uns procuram interpretar a Bíblia literalmente. Outros procuram dar novos significados ao texto bíblico. E outros tantos leem a Bíblia como um *best seller* da religião.

Todos estes fatos textuais – antes, durante e depois da Bíblia, são observáveis, seja por texto ou artefatos arqueológicos. Todos estão contando uma história. Ainda que, no caso de artefatos arqueológicos sem inscrição de textos/códigos, silenciosamente, eles estão demonstrando um tempo de cultura, política, economia, religião. Agora, no caso de haver a própria inscrição textual ou códigos ainda não decifráveis, eles estão transmitindo um propósito que eles pretendiam contar, repassar a alguém (ou a gerações posteriores). Se eles pretendiam se fazer entendidos, logo suas palavras e tecidos literários devem, necessariamente, serem respeitados.

⁹⁶ WEGNER, 2012, p. 27.

⁹⁷ WEGNER, 2012, p. 28.

⁹⁸ WEGNER, 2012, p. 30.

3.3 Há a Possibilidade de Compreender o Texto?

A despeito de toda influência do relativismo interpretativo propagada em nossos dias, nós afirmamos que podemos compreender a Bíblia com naturalidade. Ela não é um livro de receitas, nem mesmo é um livro de pesquisa científica. No entanto, “o fato de a Bíblia ser um livro é sinal de que foi feita para ser lida e entendida”.⁹⁹ A Escritura Sagrada é um livro que fala sobre um Deus que, para resgatar pecadores da Sua condenação, enviou seu Filho para morrer em lugar destes a fim de que justificados por este Cristo sejam salvos da Ira de Deus. Mas isso é apenas um lado da história da salvação. Existem os fatos historicamente culturais que influenciam toda uma mobilização interpretativa para se entender assim. Logo, isso não exclui a responsabilidade de estudar a sua história, a sua composição, os seus personagens, as nações, os seus autores, os seus escritores, as mensagens paralelas à central. Tudo isso requer um estudo do sentido que revelará a mensagem. Mas o leitor e a leitora podem perguntar: “Tenho que ser especialista para entender a Bíblia?” Grant R. Osborne nos ajuda a responder. Ele diz que:

Em primeiro lugar, há diferentes níveis de compreensão: devocional, estudo bíblico básico, homilético, dissertações e teses. Cada nível tem seu valor e seu processo. Além disso, qualquer pessoa tem o direito de aprender os princípios hermenêuticos que se aplicam a esses vários níveis. Basta querer. Eles não estão reservados a ‘elite’ alguma, mas à disposição de quem tiver interesse e vontade de aprendê-los.¹⁰⁰

“Por outro lado,” diz Roy B. Zuck, “isso não elimina a necessidade de professores e não quer dizer que uma pessoa munida da Bíblia pode aprender sozinha sem atentar para o que outros creem sobre as Escrituras.”¹⁰¹ Isso explica o porquê que devemos consultar autores e professores especialistas nas áreas bíblicas para descobrir o propósito do texto na carta, no livro. Até agora, temos dois incentivos para poder a compreender as Escrituras. Primeiro um esforço pessoal e outro auxiliar. Mas há um terceiro auxílio que nos ajuda a interpretar a Bíblia. Paulo Anglada nos lembra que há um “aspecto espiritual envolvido na interpretação das Escrituras.”¹⁰² Ele cita passagens, como 1 Co 2:14 e 2 Co 4:3-4,6 que,

⁹⁹ ZUCK, 1994, p. 28, 29.

¹⁰⁰ OSBORNE, 2009. p. 33.

¹⁰¹ ZUCK, 1994. p. 27.

¹⁰² ANGLADA, 2006. p. 19.

respectivamente, dizem: “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhes são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.”

Se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o que é a imagem de Deus... Porque Deus disse: De trevas resplandecerá luz -, ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

Essas passagens demonstram a incapacidade de absorver com fé as passagens textuais que exigem uma fé racional. Essa capacidade de compreender a revelação bíblica só pode vir do Seu Espírito Santo quem nos comunica Sua Graça, iluminando as mentes do leitor e da leitora para entender as Escrituras, ou seja, essas verdades espirituais vêm acompanhadas pela atuação do Espírito Santo. O texto sagrado pode até comunicar àquele que não nasceu de novo por parte de Deus, mas essa pessoa só pode obedecer a esses *textos* se for com a ajuda do Seu Espírito. Marlon Ronald Fluck nos ensina que “o único meio confiável que Deus nos deu para recebermos conhecimento dele são as Escrituras, em forma de Antigo e Novo Testamento”. E mais adiante, ele diz:

Tão logo conhecemos a santidade e a bondade de Deus, aprendemos a nos reconhecer como pecadores. As Escrituras não nos foram concedidas para satisfazer nossa tola curiosidade ou ambição. Ela foi concedida para nos ensinar a sã doutrina, nos consolar, nos encaminhar e nos preparar para a realização de toda boa obra. Isto ocorre em nós quando Deus nos concede o testemunho de seu espírito para que possamos entender as Escrituras¹⁰³.

Há uma compreensão geral que envolve um entendimento de fatos naturais, por exemplo, as guerras que eram travadas para as conquistas das terras em Canaã. Além disso, envolve uma questão de fé. Por exemplo, a ressurreição de Jesus. Temos um livro sagrado que afirma isso e testemunhas que difundiram esse milagre no primeiro século. Muitos estão registrados na Bíblia. Entretanto, isso exige que o leitor e a leitora creia que a Bíblia é O Livro Sagrado, isto é, a Palavra de Deus. Agora, para explicar eventos em que Deus suspende as leis naturais, por exemplo, quando “Pedro andou sobre as águas”, a compreensão abrange a crença de que isso aconteceu. Por que o leitor e a leitora acreditariam que Deus criou todas

¹⁰³ FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma*. Paraná: Cia. De Escritores, 2016. p. 84.

as coisas e não acreditaria que Ele, neste evento com Pedro, não suspenderia as leis da natureza para mostrar o seu Poder? Acreditar que Deus é o Criador do universo, necessariamente, implicar crer que seria possível esse evento descrito na Bíblia Sagrada.

Qualquer pessoa que utilize uma linguagem culta da língua portuguesa tem condições de interpretar passagens bíblicas. É claro que há pessoa que distorce os textos bíblicos para a sua própria condenação. Pedro citando Paulo diz: “Alguns de seus comentários são difíceis de entender, e os ignorantes e instáveis distorcem suas cartas, como fazem com outras partes das Escrituras. Como resultado, eles próprios serão destruídos” (2 Pe 3.16). Essas dificuldades são patentes não só lá na contemporaneidade de Pedro. Ele não as ignora, mas diz quem é que faz isso: os ignorantes e instáveis *na fé*. Como já havíamos declarado neste trabalho, a compreensão da Bíblia está diretamente ligada a uma construção de ação educacional e fé, lembrando que deve ser uma fé apostólica.

Temos dois elementos básicos para interpretar a Bíblia. “Já somos intérpretes das Escrituras, quer reconheçamos, quer não”.¹⁰⁴ Como interpretaríamos de qualquer modo uma ordem expressa: *Pare!* Alguém em sã consciência avançaria o sinal vermelho? É claro que não! Então, por que interpretaríamos à nossa maneira ou *à moda da casa* um texto bíblico? Os leitores e as leitoras que ignoram as regras básicas de interpretação são instáveis na fé, diz o texto bíblico, serão destruídos.

Interpretar é compreender o texto, deixá-lo submeter-nos às suas implicações linguísticas, culturais, políticas, religiosas, sociais, permitindo que o propósito da mensagem do texto comunique naturalmente. “Não basta ter letras impressas numa página e saber fazer a distinção entre os substantivos e os verbos”.¹⁰⁵ Não é usar as nossas lentes para enxergar o texto, apesar de sempre utilizarmos algum tipo de pressuposto, mas devemos procurar usar os pressupostos que o próprio autor do texto utiliza. É preciso alinharmos os horizontes do leitor e da leitora ao do autor do texto. É usar as lentes que o texto nos oferece para enxergar o nosso mundo contemporâneo. Lembremo-nos que este texto foi escrito em um tempo histórico e nossa relação com esse mundo é observar a luz que ele lança e para onde ela aponta ao nosso tempo.

¹⁰⁴ DYCK, Elmer. *Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012. p. 13.

¹⁰⁵ DYCK, 2012, p. 8.

É muito simples interpretar algo que está prestes a acontecer caso não se siga as leis da natureza. Se um condutor de um veículo, em alta velocidade, ultrapassa a linha divisória de um despenhadeiro, e ela estiver sinalizada com os meios naturais ou físicos, a leitura normal é que este condutor sofra um acidente, podendo até tirar a sua vida. Também, nós conseguimos interpretar o que está para trás. O que está “para trás”, naturalmente, está registrado em textos ou no campo da oralidade. Entretanto, estamos tratando da Bíblia Sagrada que necessariamente sobeja textos e mais textos. Por exemplo, quando Lucas escreve a Teófilo ele diz:

Muitos se propuseram a escrever uma narração dos acontecimentos que se cumpriram entre nós. Usaram os relatos que nos foram transmitidos por aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e servos da palavra. Depois de investigar tudo detalhadamente desde o início, também decidi escrever-lhe um relato preciso, excelentíssimo Teófilo, para que tenha plena certeza de tudo que lhe foi ensinado¹⁰⁶.

Parece que é mais fácil, mas quando se trata de *palavras/textos*, temos um conjunto de leitores e leitoras que procuram interpretar aquilo que é de um gênero literário específico para um plural de significados. Esse exército que carrega as bandeiras do pluralismo, relativismo são os responsáveis por dar novos sentidos aos textos, carregando os textos com novas mensagens. Normalmente, o que acontece é uma metamorfose dos significados das palavras, ou seja, a palavra que significava uma coisa, agora, passa a ser outra de acordo com a vontade da pessoa que lê o texto. O leitor e a leitora, que estão comprometidos com o propósito da mensagem, devem estudar o que lá significava para então dizer o que faz sentido hoje.

Neste mundo contemporâneo, temos muitos leitores e leitoras retirando as intenções autorais do texto para responder aos seus anseios, desrespeitando o propósito intencional do texto bíblico. Reconhecemos que todo texto tem um dado gênero literário (carta, epístola, narrativa), e que um texto bíblico pode assumir um gênero específico característico (parábola, apocalíptico, sapiencial), pois está muito claro que

A Reforma produziu muitas mudanças na fisionomia da igreja, das quais o modo de se ler a Bíblia não era o menor. Boa parte da leitura da comunidade cristã até então tinha sido levada a conformar-se com um esquema ou tradição dogmática que se desenvolvia. Embora todos os Reformadores desafiassem a tradição, ninguém o fez tão enfaticamente quanto Lutero. As

¹⁰⁶ Lucas 1.1-4 – NVT.

Escrituras, segundo argumentava Lutero, devem ser entendidas dentro das suas próprias categorias, em vez de preponderadamente em termos da tradição herdada. *Sola scriptura* era a sua marca registrada.¹⁰⁷

James M. Boice lembra aos seus leitores e leitoras que “nos dias de Martinho Lutero, *sola scriptura* tinha a ver com a Bíblia ser a única autoridade suprema para os cristãos contra os desafios que enfrentava das tradições da igreja medieval, concílios de igrejas e do papa”.¹⁰⁸ Esses eram os desafios visíveis de Lutero e de todos os reformadores. Os nossos são outros: o relativismo, a rejeição de absolutos e o pragmatismo. O que mais assusta é que os evangélicos são influenciados por estas filosofias da modernidade. Os leitores e as leitoras nascem nesse espírito e levam essas lentes ao texto sem perceberem. Pela importância do texto de James M. Boice, vale a pena transcrever o seu escrito:

Se a verdade é relativa, como a maioria das pessoas vivendo em nossa época crê, então uma ideia é tão boa como a outra e os únicos critérios para a escolha de um determinado curso de ação em detrimento a outro são: 1) pragmatismo (podemos conseguir o que queremos através disto?) e 2) prazer (nos sentiremos bem após fazer isto?).¹⁰⁹

Esses são os critérios que normalmente os leitores e as leitoras usam para definir a sua teologia da sua situação vivencial. A pessoa pode conseguir o que deseja por meio daquele texto? Pode apoderar-se com fé para obter o que precisa? Ou se sentirá bem após uma leitura que pode lhe causar uma *sensação* de bem estar? Poucos de nós realmente nos portamos de modo coerente com os princípios bíblicos. James M. Boice diz que “não perguntamos mais às pessoas: ‘O que você *pensa* a respeito disso? Perguntamos a elas: ‘Como você se *sente* a respeito disso?’”¹¹⁰

Nós esquecemos que como leitores e leitoras não podemos nos comportar como *o que sinto sobre o texto*, mas antes *o que penso sobre este texto*. Podemos sentir várias coisas sobre uma passagem bíblica, mas pensar sobre ela exige um exercício que poucos desejam exercitar. Entretanto, a despeito disso, devemos insistir que é preciso *pensar* sobre o texto hermeneuticamente.

¹⁰⁷ DYCK, 2012, p. 45

¹⁰⁸ BOICE, James Montgomery. *O Evangelho da Graça: A aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 63.

¹⁰⁹ BOICE, 2003, p. 29.

¹¹⁰ BOICE, 2003. p. 29.

¹¹⁰ BOICE, 2003, p. 29. *Grifos meus*.

O problema disso é enxergar no texto um Deus que se amolda às nossas concepções contemporâneas e não de um Deus que se revelou na história. Interpretar aleatoriamente de acordo com os nossos sentimentos é um risco que não estamos dispostos a correr. Mas isso não podia ser diferente de uma teologia que pulveriza um “Deus bíblico” que está preocupado mais com o homem do que com a Sua própria Glória. James M. Boice citando Gene E. Veith diz:

Numa ‘mega-mudança’ distante da teologia clássica protestante, muitos evangélicos estão proclamando um deus terapêutico, tocante e sentimentalista que está a anos-luz de distância do Santo de Israel. Este é um deus de tolerância, que não condena ninguém e que pode ser alcançado por muitos caminhos diferentes. Em vez do perdão dos pecados, os pregadores da mega-mudança oferecem o evangelho de uma boa imagem pessoal e sucesso terreno através do pensamento positivo.¹¹¹

Essa é a dimensão que se encontram os leitores e as leitoras propagadores e ouvintes dos textos bíblicos. Estes propagadores que divulgam um “deus terapêutico” estão longe de uma teologia apostólica. Estão mais preocupados em *como atender aos seus ouvintes* que reproduzir fielmente o texto bíblico em sua exata compreensão e aplicação. Para interpretar o texto bíblico deve ter, no mínimo, três movimentos circulares: Ler o texto, explicar o texto e aplicar o texto a si e a quem se dirige o texto; assim o leitor e a leitora terão condições de manifestar com fidelidade o propósito do texto de acordo com o significado de suas palavras.

Ao concluir este capítulo chegamos a três conclusões. Primeiro: o texto possui um conjunto de contextos históricos e gramaticais que devem ser entendidos à luz de seus propósitos. Entendemos que método diacrônico pode corresponder para uma compreensão do propósito na mensagem do autor. Segundo: precisamos extrair do contexto do texto as suas informações para que se descubra o propósito que foi escrito. O texto está registrada para uma comunicação proposital, por isso, entender o propósito da mensagem é interpretar o texto em sua coerência diacrônica. Terceiro: a Bíblia pode ser compreendida pelo leitor e pela leitora que se dedicam a estudar com o propósito de descobrir mensagem de fé crida e vivida, em seu contexto histórico, também pelo autor. É aconselhável que a Escritura seja estudada diariamente pelo leitor e pela leitora. A habitualidade vai gerar na pessoa leitora uma capacidade de compreensão muito melhor dia após dia.

¹¹¹ BOICE, 2003, p. 29.

No nosso último capítulo, iremos apresentar o(a) leitor(a): um(a) coautor(a) interpretativo. Isso envolve três perguntas a serem respondidas. Primeiro: Por que precisam seguir o propósito do texto? Segundo: Como interpretar o texto? Terceiro: Por que ser um coautor(a) na interpretação? Essas respostas podem nos ajudar a entender o papel do leitor no processo de análise do texto bíblico.

4 LEITOR(A): um(a) coautor(a) interpretativo(a).

Neste capítulo, queremos mostrar ao leitor e à leitora o porquê de seguir o propósito do autor é um bom posicionamento interpretativo. Outro ponto é demonstrar que o *jeito* que você interpreta o texto faz diferença na hora da aplicação, ou seja, se o leitor e a leitora interpretar bem, logo, irão aplicar bem. Por último, entender que os leitores e as leitoras são coautores e coautoras interpretativos sobre o texto, pois todo texto carrega um propósito que o autor desejou comunicar e cujo descoberta é feito na leitura, considerada o lapso de tempo e os contextos específicos em sua diferença.

4.1 Por Quer Seguir o Propósito do Autor?

O leitor e a leitora precisam ter uma interpretação responsiva diante de qualquer texto. Para que essa responsabilidade seja eficiente, então, precisamos alinhar os nossos horizontes ao dos autores dos textos. Os nossos pressupostos precisam estar no mesmo nível. Nossa interpretação não deve ser ou estar invertida ao do autor. Isto é, não deve ser de modo arbitrário a partir do nosso entendimento. Roy Zuck, citando Martinho Lutero, diz:

Quando monge, eu era perito em alegorias. Eu alegorizava tudo. Mas, depois de fazer preleções sobre a Epístola aos Romanos, passei a conhecer a Cristo. Foi assim que percebi que ele não é nenhuma alegoria e aprendi a saber o que Cristo realmente é¹¹².

Ele, como leitor, depois que ele passou a ler a Bíblia de maneira natural respeitando a proposta autoral, começou a enxergar a Cristo. Desse jeito, ele não precisava mais procurar sentidos/propósitos ocultos nas passagens bíblicas, apenas ler o texto de acordo com as noções gramaticais e históricas que o texto apresenta e exige de nós. Devemos entender o que o autor quer para *então* executar a interpretação consciente e não-duvidosa. Nossa tarefa, como leitores e leitoras, então, é de ir ao texto e deixar que ele mesmo fale a nós. Se alguém de modo audível diz a alguém: “Fulano, pegue o lixo e leve-o para o latão de lixo”. O que a pessoa a quem foi dirigida essa ordem vai entender? Que o latão de lixo é um vaso

¹¹² LUTERO apud ZUCK, 1994. p. 51.

de plantas? É claro que não. Certamente, ela vai entender que o lixo deve ser depositado no recipiente (uma lata grande ou contêiner) onde os lixos (orgânicos ou não-orgânicos) serão dispensados.

O leitor e a leitora precisam entender que há comandos linguísticos que assumem um papel de figuras de linguagens e todos eles devem ser respeitados. A essas sim, deve-se levar em conta todo o conjunto de ações que desaguam na ideia principal da fala. Se alguém disser: “Oi minha florzinha, pegue esse apontador que caiu de sua mesa.”. O que se entende desse discurso? Que uma flor (uma planta) tem ouvidos para ouvir e mãos para pegar um apontador e ainda sabe o que é uma mesa? É lógico que não. A palavra ‘florzinha’ está substituindo o nome da pessoa. Entendemos por essa pequena mensagem de que se trata de uma pessoa do sexo feminino. Para mais inferências ou interpretações plausíveis, precisaríamos de informações suficientes para julgar.

É na escrita que definimos o propósito da mensagem. Até mesmo, este trabalho, usando a escrita, precisa ser lida em seu contexto, códigos, proposta autoral, respeitando o propósito da mensagem. Paulo Anglada nos lembra que

A correta interpretação da Bíblia, segundo a *Confissão Helvética*, promove as virtudes cristãs, a glória de Deus e a salvação dos homens, e é alcançada através do estudo das línguas originais, da análise das circunstâncias históricas e da comparação com outras passagens relacionadas das Escrituras¹¹³.

O leitor e a leitora, provavelmente, podem até ter dúvidas quando se faz referência a *profecia bíblica*, pois dependem de elementos, tais como história, informações tangíveis para asseverar determinado fato preditivo que o que foi falado realmente possui dados que a fé podem se apoiar. “Acontecerá assim e assim”, essa é uma questão que reúne uma esperança associada a fatos tangíveis ou a promessas. Alguém disse e esse dito pode ter sido escrito pelo mesmo autor da fala ou redigido por outro. O que importa, no fim das contas, é que há um texto que precisa ser decodificado para este nosso mundo contemporâneo.

No caso das Escrituras, hoje, em muitos assuntos podemos interpretar as profecias que já aconteceram, por exemplo. Pois os elementos necessários que faltavam naquele contexto já foram esclarecidos por meio dos acontecimentos fatídicos. Outros exemplos: o nascimento, morte e ressurreição de Jesus foram

¹¹³ ANGLADA, 2006, p. 166.

preditos, mas só depois dos acontecimentos que os intérpretes puderam entender a linha de acontecimentos, esclarecer e afirmar que tal profecia aconteceu desta forma por causa de tais elementos mínimos que eles haviam em mãos. O que havia em suas mãos eram textos sagrados. Ademais, aqueles que não concordavam com as predições só puderam, tanto quanto os outros, fazerem projeções futurísticas.

No caso de fatos históricos (política, religião, sociedade, economia, cultura), esses são fatos observáveis. Seja por textos ou artefatos arqueológicos que trazem uma ideia, projeção, ainda que mínima, sobre uma possível realidade não descrita em códigos decifráveis. Na Bíblia Sagrada, inúmeros eventos foram registrados textos, escritos para o conhecimento a priori e, por conseguinte, a posteriori. (Era uma prática comum o registro dos acontecimentos). Queremos deixar claro que

O conteúdo da Bíblia não consiste em narrativas de eventos aleatórios ou selecionados através de critérios políticos, econômicos, ideológicos ou sociais. Consiste, sim, na história dos atos de Deus com vistas à realização e consumação do plano da redenção por meio de Cristo”¹¹⁴.

A história e salvação são muito claras: Deus, o Pai, enviou o Seu Filho, Jesus Cristo, para ser a nossa propiciação. Ele levou sobre Si todos os nossos pecados que nos condenava e, ao mesmo tempo, nos livrou da Ira de Deus. Jesus Cristo é a salvação de todo aquele que nEle crê. Entretanto, para assuntos mais técnicos que exigem uma abordagem mais científica, é necessário o uso e manuseio de ferramentas teológicas para a compreensão do assunto que não é entendido totalmente.

Hoje, fazemos algo semelhante. *Registramos* nossas fotos, vídeos, e-mails, cartões comemorativos, dedicatórias em livros, expomos nossas vidas em redes sociais. Por que haveríamos de duvidar desses registros na antiguidade? (textos bíblicos). Por exemplo, em Josué 10.13 está escrito: “E sol se deteve, a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. *Não está isto escrito no livro de Jasar?* O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro” (*grifos meus* – Revista e Atualizada). Nosso objeto de discussão não é se o sol parou ou não, mas, simplesmente, que esse fato foi *escrito* em algum lugar e de alguma forma era para ser crido assim.

¹¹⁴ ANGLADA, 2006, p. 180.

Um elemento de transmissão de conhecimento é o testemunho. Esse é um dos aspectos mais interessantes da perpetuação da história. Pois todo testemunho, naturalmente, há um autor que transmite uma mensagem em códigos que o ouvinte/leitor tenha a capacidade de absorver a intenção dessa mensagem para um resultado pretendido. O autor é a personalidade que deve ser levado em consideração. A escrita é o meio que veicula códigos que devem ser conhecidos do leitor e da leitora para haver uma compreensão da mensagem. Ela é a intenção do autor que pretende significar algo para produzir uma reação no leitor e na leitora. Ele e ela são os recipientes desta mensagem que precisa ser entendida para haver uma interpretação correta da mensagem do autor. O autor é importante tanto quanto a mensagem o é.

Para entendermos como isso é importante, precisamos destacar que houve duas escolas de interpretação. A de Alexandria e a de Antioquia. Esta prezava pela interpretação natural do texto, respeitando os textos que exigiam uma interpretação diferente do comum. Aquela procurava “descobrir o sentido oculto das passagens bíblicas e para harmonizar os dois Testamentos”¹¹⁵.

A interpretação literal defendida em Antioquia predominou durante muito tempo nas igrejas orientais e em muitos sentidos foi precursora da exegese praticada na Reforma. A hermenêutica dos intérpretes reformados foi, em muitos aspectos, um retorno aos princípios de Antioquia¹¹⁶.

O leitor e a leitora, dessa forma, são vistos de duas formas: O de *paciente à ativo*. Paciente porque ele e ela recebem a mensagem de modo a não alterar a mensagem que lhe é confiada para que ativamente ele repasse essa mensagem aos outros. Uma mensagem nunca é feita para ficar guardada. Se está escrito, está para alguém ler. Isso deve ser respeitado para haver compreensão e interpretação para, então, haver divulgação do que é realmente o propósito da mensagem. Mesmo que nestes feitos haja hipérboles, o compasso da linguagem será identificado por arranjos que o próprio texto indica se são poéticos, históricos, parabólicos, apocalípticos, proféticos, sapienciais, evangélicos. Até mesmo em grandes histórias

¹¹⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus Intérpretes: Uma breve história da interpretação*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 131.

¹¹⁶ LOPES, 2013, p. 135.

epopeicas há um discurso que podemos, pela natureza dos escritos, identificar um propósito factual, imaginário, parabólico.

Todo texto tem um autor (ou autores). Todo leitor e leitora quer entender o texto do autor. Todo leitor e leitora quer interpretar a mensagem que o autor escreveu para um propósito. Não existe texto sem autor. Não existe texto sem um propósito. Não existe uma intenção textual que não queira transmitir algum propósito ao leitor e à leitora. O ideal é que o leitor e a leitora estejam atrás do propósito da mensagem.

4.2 Como Interpretar o Texto?

Como já vimos até agora, observamos que “o objetivo da hermenêutica evangélica é bem simples: descobrir a intenção do Autor/autor (autor = agente humano inspirado; Autor = Deus, que inspira o texto)”¹¹⁷. Isso nos sinaliza, a princípio, uma coisa: descobrir a intenção *lá* para que *então* possa interpretar satisfatoriamente de acordo com o contexto que a carta ou o livro oferece. Mas isto não é o bastante, porque se nos mantivermos *lá* e *lá* ficarmos, agiremos como um contador de histórias.

As Escrituras, isto é, a Palavra de Deus “é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela, o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra” (2ª Tm 3.16). Perceba que o tempo verbal está no modo presente. A Palavra de Deus tem uma finalidade específica: ensinar, repreender, corrigir e forma na justiça. Portanto, não se pode apenas ficar no *lá* e não aplicar *aqui* esse conhecimento adquirido. Klein levanta uma questão interessante já sugerida por Barton: Klein começa:

Como nós, que acreditamos que a Bíblia continua sendo relevante para as pessoas além dos primeiros destinatários, conseguiremos chegar a essa importância atual? Podemos perguntar: ‘Qual é a relevância que a mensagem bíblica tem para a vida atual, para a vida em geral e para a minha vida em particular? Que ações que eu devo *praticar*?’¹¹⁸.

O leitor e a leitora, ao ler o texto bíblico, se quiser ser relevante na interpretação, precisam atualizar essas informações. Entende-se uma atualização

¹¹⁷ OSBORNE, 2009, p. 29.

¹¹⁸ KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR, 2017, p. 750.

dos termos e, por conseguinte, a uma aplicação legítima para si e aos outros. A mensagem bíblica tem uma mensagem central, um propósito, uma aplicação geral e outras específicas. A mensagem central da Bíblia é a que Jesus é o Deus que salva pecadores por graça. Há um propósito autoral no texto quando se escreve um livro, uma carta. Willian Perkins diz que “a aplicação é a habilidade pela qual a doutrina que foi adequadamente deduzida da Escritura é manuseada de forma adequada às circunstâncias do lugar e da época e do povo da congregação”¹¹⁹. Ou seja, não dá para ler qualquer passagem da Bíblia e ir deduzindo o que quiser com bem entender.

O autor quando escreve tem uma intenção. Hoje, não o temos do nosso lado, mas temos as suas palavras e é por meio delas que identificamos as intenções centrais e periféricas. Tudo isso acompanhado de um estudo minucioso dos contextos históricos. E por fim, há uma aplicação geral e específica – respeitando as devidas particularidades. A geral se dá respeitando os princípios que a própria Bíblia estabelece. No grande Israel, havia as leis civis, cerimoniais e morais.

As leis civis eram de ordem nacional, as cerimoniais foram encerradas em Cristo e as morais continuam até hoje! As específicas são aquelas que levam o leitor e a leitora a um entendimento dentro da geral. Por exemplo, Deus é o nosso pastor. Isso tanto vale para o rico quanto para o pobre. Esse é o teor geral. O específico é em que situação isso se torna *aplicativo* ao leitor e à leitora: Deus é o pastor do rico e do pobre independentemente do contexto em que essa palavra se torne significativa. Entretanto, como diz Willian W. Klein:

Isso não significa que encontraremos uma aplicação pessoal em cada frase ou período da Escritura, porque a quantidade e o tipo de aplicação da passagem variam de um gênero para o outro. Temos que interpretar e aplicar cada texto no seu contexto como parte de uma declaração linguística significativa maior¹²⁰.

Temos textos na Bíblia que, a princípio, os leitores e as leitoras não conseguiram uma aplicação clara, a saber, os textos genealógicos. Estes textos estão lá por algum motivo, mas só o descobriremos se estudarmos essas relações. Não há nada na Bíblia que não seja útil para nós. Outra indicação que Willian Klein nos oferece nessas palavras é o cuidado com o estudo do contexto das declarações

¹¹⁹ PERKINS, 2018, p. 75.

¹²⁰ KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD JR, 2017, p. 752.

dos textos sagrados. Ou seja, estudar os textos bíblicos para aplicação pessoal deve ser acompanhado de certos cuidados teológicos.

Esses erros se devem aos leitores e às leitoras que enxergam a Bíblia como um livro qualquer. Alguns até podem considerar e até mesmo afirmar que as Escrituras são a Palavra de Deus, mas agem como se não a conhecessem. Nesse caso, agem como agnósticos interpretativos. Eles acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas não a tratam como tal. Isso se vale mesmo até nos púlpitos de nossas igrejas. Além disso, textos mal lidos, mal interpretados por conta da falta de compromisso com o texto que possui um autor, um contexto, um propósito, são aberturas para interpretações erradas. Aqueles que ensinam e aplicam essas interpretações descompromissadas, podem ler qualquer texto não-sagrado que não farão diferença alguma.

Normalmente, esses leitores e leitoras que exercitam três erros, segundo Klein. Eles abandonam totalmente o contexto do texto, o contexto literário ou histórico do texto e a analogia para filtrar as aplicações possíveis. Quando os leitores e as leitoras abandonam o contexto do texto, normalmente, procuram repostas para questões que assimilam ser urgentes e para isso tratam, em muitas vezes, a Bíblia com um sentido místico. “Muitos cristãos bem-intencionados leem a Bíblia para receber “bênçãos instantâneas ou instruções rápidas para a vida”¹²¹. Como uma caixinha mágica que ao abri-la, trará as respostas que precisavam. Desse modo, eles e elas, sem perceberem, desrespeitam todo o contexto do livro ou da carta que se lê e com isso trazem à tona atitudes que desonram a comunidade cristã evangélica. Ou seja, esses leitores e leitoras colocam as suas necessidades acima dos padrões bíblicos interpretativos.

Outro erro é eles abandonarem o contexto literário ou histórico do texto. Esse apontamento é um desencadeamento natural do erro anterior. A preocupação maior se dá quando isolamos um texto e aplicamos, por exemplo, num contexto de casamento. É comum virmos textos como Salmos 127.3-5 ser aplicados nessas cerimônias. O texto diz: “Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão. Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta”. Sobre isso atente para a observação de Klein. Ele diz que

¹²¹ KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD JR, 2017, p. 752.

Se for assim, eles precisarão olhar com mais cuidado o contexto histórico. Brigar com os inimigos no portão de uma cidade murada antiga se refere tanto à batalha militar quanto à ação legal (que se dava perto do portão ou 'porta' da cidade). A linguagem aqui é exclusiva: 'filhos' não incluem o sexo feminino, porque no Israel antigo as moças nem poderiam ser soldados nem testemunhas. Em uma época que a taxa de mortalidade infantil era alta, as famílias grandes garantiam que sobreviveriam filhos suficientes para cuidar dos progenitores idosos em seus anos de velhice. Ainda que haja um princípio claro nessa passagem que os cristãos possam aplicar [...], os cristãos não podem ter a liberdade de usar esse versículo para afirmar que todos os casais terão famílias grandes¹²².

A pergunta é: podemos evitar erros na aplicação? A resposta deve ser: sim! Em primeiro lugar, encontrando a aplicação original. Como diz Klein, como os ouvintes de Moisés entenderam a mensagem: "Não cobiçarás?". O princípio é o mesmo *lá* e *aqui*, entretanto, quando o texto menciona "boi", precisamos fazer as ligações corretas. Por vivermos em uma sociedade urbana, um boi pode ser associado a algum bem de valor que desperte em *nós* o desejo de cobiçar o que não é nosso. Em segundo lugar, avaliar o nível de especificidade da aplicação geral.

Por último, temos um erro que acontece muito sutilmente até mesmo por aqueles que interpretam bem o contexto geral e histórico do livro. Como? Caso estes leitores e leitoras apliquem de modo errado estas interpretações, eles e elas incorrerão em erros. Por exemplo, quando lemos o texto de Mateus 18.20 que diz: "Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles"¹²³. Normalmente, interpreta-se este texto para um ambiente em contexto de culto. Geralmente, o líder da reunião para dar início ao culto, percebe que certo número ainda não está presente, então legitima o início do culto com a palavra: "Irmãos, na Bíblia, está escrito que onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, ali eu estarei". Percebemos que existe uma verdade: Jesus está conosco. Mas a proposta deste texto é para um ambiente de disciplina eclesiástica.

4.3 Por Que Ser um(a) Coautor(a) na Interpretação?

Até agora nós procuramos desenvolver certa consciência sobre a responsabilidade literária quanto leitura do texto bíblico e sua importância para não

¹²² KLEIN, BLOMBERG, HUBBARD JR, 2017, p. 757.

¹²³ Bíblia Sagrada – Nova Versão Internacional - NVI.

dizer *o que o texto não disse*. Mas ainda fica alguma coisa a ser respondida. O leitor e a leitora que respeita o autor, o texto e o propósito dos textos bíblicos tem condições de julgar se as suas ações e comportamentos estão de acordo com o conjunto de doutrinas orientadas pelas Escrituras. O apóstolo Paulo diz a Tito: Mas, quanto a você, que suas palavras reflitam o ensino verdadeiro”. (Tito 2.1). Osiel Gomes da Silva, em seu livro, diz que “a doutrina pode ser definida como um conjunto de princípios que serve de base a um sistema religioso, político, filosófico, científico.¹²⁴ E ele continua:

A doutrina das Santas Escrituras determina o nosso modo de vida, nossas ações e comportamento, como também o nosso modo de crer, mas para que isso aconteça precisamos nos render diante dela, entender que suas palavras são fiéis e verdadeiras e que o Espírito Santo nos ajuda em sua compreensão¹²⁵.

São esses conjuntos de doutrinas que nos orientam para uma cosmovisão interpretativa que nos ajudam a julgar sobre o que é certo ou errado. Acreditamos que a Bíblia é um conjunto de livros inspirados pelo Espírito de Deus que impulsionou homens para falar tudo o que Ele mesmo desejava. Alguns textos bíblicos confirmam isso. Em 2 Timóteo 3.16,17, Paulo diz ao seu filho na fé:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida. Ela nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo. Deus a usa para preparar e capacitar o seu povo para toda boa obra.

As Escrituras foram sopradas por Deus *para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida*. Ainda que Deus “designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e mestres”, pois Deus os constituiu para serem “responsáveis por preparar o povo santo para realizar sua obra e edificar o corpo de Cristo, [...]” (Efésios 4.11-13), ao mesmo tempo, somos exortados a ler a Bíblia diariamente para o nosso próprio crescimento. Observamos isso no Salmo 1.

O primeiro Salmo da Bíblia diz que “Feliz é aquele que não segue o conselho dos perversos, não se detém no caminho dos pecadores, nem se junta à roda dos

¹²⁴ SILVA, Osiel Gomes da. *Aplicando Bem A Palavra*. Focando a Interpretação Bíblica. Maranhão: DOKSA, 2016. p. 119.

¹²⁵ SILVA, 2016, p. 120.

zombadores. Pelo contrário, tem prazer na lei do Senhor e nela medita dia e noite” (Salmos 1). O homem e a mulher que toma conselhos a partir das Escrituras são felizes. Os resultados dessa felicidade é produto do prazer em meditar na lei do Senhor diariamente. Aqueles que não o fazem, seguem o conselho de homens perversos que retiram de si, naturalmente, maus entendimentos sobre as perspectivas da vida.

Esse texto antigo ainda é contemporâneo aos seus leitores e as suas leitoras. Devemos, se quisermos ser felizes em nossas decisões, tomar os conselhos do Senhor, lembrando que esses conselhos não devem ser tomados por uma atividade em consulta. Ela deve ser “dia e noite”. Uma atitude diária. Deve ser uma leitura em que haja meditação, ou seja, pensante! Essa é uma ação que deve ser permanente, justamente para que não haja espaços ou tentações para tomarmos conselhos com pessoas que não se deleitam nas Palavras do Senhor. Não podemos agir apenas tomando conselhos da Bíblia em situações de riscos emocionais, sociais, financeiros, por exemplo. Somos tentados a isso, mas nosso dever é meditar nas Escrituras dia e noite. Outro texto em Salmos (19) diz que:

⁷A lei do Senhor é perfeita e revigora a alma. Os decretos do Senhor são dignos de confiança e dão sabedoria aos ingênuos. ⁸Os preceitos do Senhor são justos e alegram o coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos e iluminam a vida. ⁹O Temor do Senhor é puro e dura para sempre. As instruções do Senhor são verdadeiras e todas elas corretas. ¹⁰São mais desejáveis que o ouro, mesmo o ouro puro. São mais doces que o mel, mesmo o mel que goteja do favo. ¹¹São uma advertência para teu servo, grande recompensa para quem os cumpre.

Aqui vemos uma clara distinção em que a lei é e o que ela *faz*. A lei do senhor é *perfeita e revigora a alma*. São *dignos de confiança* e dão *sabedoria* aos ingênuos. Esses são apenas uns exemplos sobre o que a Lei do Senhor, ou seja, a Palavra do Senhor é e *faz* àquele e àquela que se dedica à leitura diária da Bíblia. Ou seja, concordando com o Salmo 1, vemos que a Bíblia é de toda desejável. Ela não pode e nem deve ser desprezada pelo leitor ou pela leitora. Quem a despreza sofre as consequências que o Salmo 1 destaca. A Bíblia não pode ser objeto de consulta esporádica como se fosse uma caixinha mágica de onde retiramos respostas aos nossos desejos. Portanto a leitura diária deve vir a ser uma meditação e, por conseguinte, uma cadeia de estudos. Com essas informações acima, queremos

sugerir algumas obrigações ordinárias. Estas não precisam ser em ordem sequencial, mas, no mínimo, elas podem ser concomitantes e naturais.

Em primeiro lugar, a consulta da Bíblia deve ser diária. Não podemos pensar em uma leitura esporádica, pois para as Escrituras são dignas de confiança, justas, límpidas, verdadeiras e toda correta. A leitura diária, ou seja, a meditação dia a dia revigora a alma, dá sabedoria aos ingênuos, alegam o coração, iluminam a vida e, além disso, há “grande recompensa para em os cumpre” diz o texto sagrado.

Em segundo lugar, como vimos, a leitura da Bíblia deve ser acompanhada de uma competente pesquisa por parte do leitor e da leitora que serão transformados em um leitor-exegeta e uma leitora-exegeta. O texto bíblico já está disponível, isto é, já está sacralizado, imexível, petrificado. Entretanto, para haver um entendimento significativo do texto, seja de qualquer natureza, o leitor e a leitora precisam se comportar como um investigador. Não estamos dizendo que cada leitor e leitora devem estudar anos e anos a fio para ser um exímio intérprete, mas que cada leitor e leitora tenham o compromisso de, no mínimo, ter a disciplina, noção, responsabilidade para manusear o texto sagrado.

Em terceiro lugar, se o leitor ou a leitora não respeitarem que todo texto possui um autor, logo haverá o desprezo pelo propósito que o autor tencionou. Esse autor, seja inicial ou final, foi conduzido pelo Espírito Santo para estabelecer as palavras como elas são. Não é à toa que os textos estão em suas sentenças “originais”, pois todas as estruturas verbais do Antigo e Novo Testamento possuem um sentido atribuído, primeiramente, ao público original que entenderia o propósito da mensagem.

Em quarto lugar, o leitor e a leitora devem procurar entender o contexto do texto. Esse contexto pode ser de ordem literária, histórica, canônica. Cada livro ou carta da Bíblia possui uma identidade correspondente. Por exemplo, Quando lemos um chamado assim: “Lamentamos que fulano de tal tenha falecido. Dia tal será o sepultamento”. Entendemos, naturalmente, que este anúncio se refere a um sepultamento. Assim é na literatura Bíblia. Cada estrutura textual possui a sua marca e deve ser lido como se é exigido. Ninguém lê uma receita médica como se fosse uma poesia. Portanto, para uma correta interpretação, deve-se entender o contexto da formação e formatação do texto.

Em quinto lugar, é ter uma boa noção de gramática. Ler bem para entender bem. Se a leitura começar descomprometida, então o entendimento também o será. Observar, atentamente, no texto, quem é o emissor, o receptor, onde é o lugar, qual o assunto que se trata, perceber a delimitação do texto (onde começa e onde termina), identificar os termos importantes. Ler atentamente não está reservado apenas para o texto bíblico, mas para qualquer texto; é um apelo para um bom entendimento de um comando, de uma informação. Ler por ler não ajuda a ninguém, mas uma leitura comprometida pode nos ajudar a mudar não só a nossa cosmovisão, mas a de uma comunidade inteira.

Em sexto lugar, entender que todo texto possui um propósito. O texto, delimitado, tem um propósito e a ele sentenças que o apoiam. Geralmente, podemos encontrar muitas mensagens, entretanto, todas elas estão ligadas a um objetivo maior: o propósito do autor. Então, o leitor e a leitora devem estar comprometido(s) com esse(s) propósito(s) para interpretar corretamente o texto. Cada gênero literário está falando sobre um tema geral que por sua vez está abrigando outros subtemas que o pertencem. Por exemplo, toda a Bíblia é uma grande história de salvação do povo de Deus, mas para essa história ser contada há uma série de histórias que contribuem para essa grande história: criação, queda, redenção, glorificação. Um dos problemas da má interpretação é entender que determinada história da Bíblia ou perícopo pode estar fora desse eixo interpretativo, ou seja, fora de uma teologia bíblica.

Ao concluir este capítulo, notamos que é possível seguir o propósito do texto se o leitor e a leitora agirem com responsabilidade hermenêutica. Se entendermos a mensagem do autor, ou seja, o propósito do texto, então começamos a entender o qual é o nosso papel nesse processo interpretativo. Outro fator, que aprendemos aqui foi, como podemos interpretar bem o texto e como podemos aplicar bem essa interpretação. Podemos até chegar a errar na hora de interpretar, mas com certos cuidados, iremos aprender *como* se faz isso corretamente. Por último, percebemos que somos coautores na interpretação, ou seja, estamos vinculados ao propósito que o autor tencionou. Isso delimita a nossa interpretação, pois estamos ligados ao que ele quis que entendêssemos como leitores e leitoras da Bíblia.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, vimos que o autor escreve com um propósito; todo texto tem uma proposta com propósito; e todo leitor e leitora é um coautor(a) interpretativo(a).

No segundo capítulo, utilizamos o teólogo Louis Berkhof. Com o auxílio dele entendemos que todo autor bíblico escreve com um propósito. A ideia é: *o leitor e a leitora são coautores interpretativos*. Ele e ela, nesse sentido, têm o papel de interpretar a mensagem do texto de acordo com o propósito que o autor desejou transmitir ao seu público. “A função do intérprete”, como diz Gusso, “é descobrir o significado dos textos bíblicos para poder aplica-los, com segurança, a cada caso que se apresente nos dias atuais.”¹²⁶ Esse cuidado hermenêutico servirá para impedir que os pressupostos do leitor e da leitora se encaminhem para longe do(s) autor(es), pois não existem pessoas leitoras em um *estado neutro* na interpretação. Chegam ao texto com uma série de pressuposições que devem ser esclarecidas para que o propósito seja alinhado com as do(s) autor(es) do(s) texto(s). Portanto, para compreender o texto, o leitor e a leitora precisam entender o propósito da mensagem.

Em segundo lugar, ao leitor e à leitora possuem certos desafios para interpretar o texto, no entanto, eles podem ser *convencidos* com os meios apropriados. Essas dificuldades hermenêuticas podem atingir todos os leitores e todas as leitoras. Sejam especialistas ou não. Todo texto está envolvido por um contexto geográfico, cultural, linguístico, literário, espiritual. Por isso, o leitor e a leitora precisam entender o que aconteceu para então interpretar. Isso exigirá um exercício regular por parte da pessoa que lê o texto bíblico.

Por último, ao leitor e à leitora pressupõem que todo texto possui um propósito, ou seja, uma proposta autoral. Esse propósito está na mensagem que o autor escreveu. Logo, o leitor e a leitora têm de se esforçar para encontrar o propósito do texto. Ele e ela serão chamados para agir como um investigador e uma investigadora para encontrar o propósito do autor. Últimamente, ambos procuram perceber e expressar a mensagem do Autor divino que fala por meio dos autores bíblicos.

¹²⁶ GUSSO, 1998, p. 79.

No terceiro capítulo, compreendemos que todo texto bíblico tem uma proposta com propósito. Foi consultada a obra de Osborne.¹²⁷ Neste capítulo, foram apresentadas aos leitores e às leitoras três proposições para uma análise do processo interpretativo. Isto envolve as regras gerais para interpretar o texto bíblico, o(s) propósito(s) no texto e a possibilidade de compreender a mensagem do texto.

Em primeiro lugar, os leitores e as leitoras serão convidados para participar de um contexto hermenêutico. Todo texto desencadeia um processo interpretativo, portanto hermenêutico. Com a Bíblia isso não é diferente. Logo, as regras hermenêuticas, aplicadas ao texto, servirão de parâmetro para *caminhar* pela via interpretativa. O texto segue um conjunto de normas gramaticais e históricas que se encontram nas palavras do próprio texto. Sabendo disso, o leitor e a leitora terão noção que o texto foi escrito por um autor que quis comunicar um na mensagem um propósito.

Além disso, o leitor e a leitora ao se deparar com algum texto, certamente, procurarão o propósito da mensagem no texto. Ou seja, *para que* esse texto foi escrito? Todo texto possui um autor que, por sua vez, quer comunicar alguma mensagem. Essa comunicação está no texto. Portanto, compreender o que está no contexto do texto é entender o propósito para o qual ele foi escrito. Quando o autor escreveu, escreveu para um público desejando comunicar um propósito. O papel do leitor e da leitora, então, é descobrir esse propósito na mensagem do texto.

Por último, os leitores e as leitoras serão convidados a entender que o texto bíblico pode ser compreendido. O texto bíblico está disponível em nossa língua portuguesa para que os leitores e as leitoras estejam motivados a interpretar. Muitos teólogos estudaram (e estudam) para que a Bíblia seja compreensível, atualizada. Mas essas interpretações não podem ficar apenas no ambiente da academia teológica. A Bíblia foi produzida dentro de uma comunidade de fé cristã para que outros cristãos pudessem compreender o propósito dos textos bíblicos.

No quarto capítulo, percebemos que o leitor(a) são coautores(as) interpretativos(as). A autora Jen Wilkin ajudou-nos a entender que

¹²⁷ OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: Uma nova abordagem à interpretação bíblica*; tradução Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

Estudar a Bíblia com propósito significa manter sua mensagem fundamental à vista em todo o tempo, quer estejamos no Antigo Testamento ou no Novo, quer estejamos nos Profetas Menores ou nos Evangelhos. A fim de fazermos isso, devemos diminuir o “zoom” ao lermos cada passagem ou livro em particular, de forma a enxergarmos como ele desempenha o seu papel na revelação da História Principal.¹²⁹

Quando o leitor e a leitora seguem o propósito do autor, ele e ela estão seguindo a mensagem que Deus assim desejou. É uma atitude de descanso saber que, como leitor e leitora, estamos exercendo um papel de coautoria interpretativa. Nosso papel, então, é apenas de seguir os propósitos já declarados pela própria mensagem do texto. Isto é, reproduzir a hermenêutica objetiva que o texto autoral já tenciona, exercendo sobre as aplicações as devidas discontinuidades e continuidades teológicas.

Interpretar um texto bíblico, então, ficou *fácil*. Com responsabilidade, o leitor e a leitora, podem e devem dizer qual é o caminho para interpretar o texto bíblico. De posse dos materiais teológicos e das regras hermenêuticas é possível que a compreensão do texto aconteça. Essas atitudes podem nos livrar dos erros comuns na hora da interpretação, pois estaremos envolvidos com a busca do propósito do texto que o autor assim desejou.

Essa triangulação hermenêutica – autor, texto, leitor(a) – é a base do processo analítico da interpretação. Os leitores e as leitoras terão os seus papéis bem definidos quando compreenderem que eles são coautores e coautoras do propósito hermenêutico do autor do texto para as suas comunidades de fé!

¹²⁹ WILKIN, Jen. *Mulheres da palavra: como estudar a Bíblia com nossa mente e coração*. São Paulo: FIEL, 2015. p. 57

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada: Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Linguísticos*. Ananindeua/PA: KNOX, 2006.

BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: Um estudo cuidadoso de um meio que o Espírito da Verdade emprega para conduzir seu povo em toda a verdade*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

Bíblia Sagrada, *Nova Versão Internacional* – NVI. São Paulo: SBB, 2000.

Bíblia Sagrada, *Nova Versão Transformadora* – NVT. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOICE, James Montgomery. *O Evangelho da Graça: A aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa – *HOUAISS* – EDITORA OBJETIVA – 2009.

DYCK, Elmer; PACKER, J. I.; FEE, Gordon; PETERSON, Eugene; GAY, Craig; WILKISON, Loren. *Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

FERREIRA, Franklin. *O credo dos apóstolos: As doutrinas centrais da fé cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

FITZMYER, Joseph A., SJ. *A Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1997.

FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma*. Paraná: Cia. De Escritores, 2016.

GORMAN, Michael J. *Introdução à Exegese Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GUSSO, Antônio Renato. *Como Entender a Bíblia? Orientações Práticas para a Interpretação Correta das Escrituras Sagradas*. Curitiba/PR: A. D. Santos, 1998.

KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2009.

KÖSTENBERGER, Andreas J; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica: história, literatura e teologia*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KLEIN, William W; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus Intérpretes: Uma breve história da interpretação*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: Uma nova abordagem à interpretação bíblica*; tradução Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PERKINS, William. *A Arte de Profetizar*. Brasília: Monergismo, 2018.

RODRIGUES, Welfany Nolasco. *Interpretação Bíblica: Como ler, estudar e compreender a Bíblia?* Varginha/MG: 2014.

SILVA, Osiel Gomes da. *Aplicando Bem A Palavra. Focando a Interpretação Bíblica*. Maranhão: DOKSA, 2016.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2008.

VIRKLER, Henry. *Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Vida, 2007.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2012.

WILKIN, Jen. *Mulheres da palavra: como estudar a Bíblia com nossa mente e coração*. São Paulo: FIEL, 2015.

ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: Meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994.